

DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

CEMITÉRIO
SEM
CRUZES



L P BACAN



CEMITÉRIO SEM CRUZES

L P Baçan



Edição Eletrônica: L P Baçan

All rights reserved

Copyright © 2017 do Autor

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Venda Proibida.

2017

livro sete

CEMITÉRIO SEM CRUZES

CAPÍTULO 1

As chuvas de outono caíam incessantemente, cobrindo a estrada com um tapete de contas prateadas. Os faróis tentavam ir mais longe, mas apenas produziam reflexos, enquanto o furgão derrapava de um lado para outro na estrada lamacenta.

Torg, ao volante, se inquietava. A manhã estava para nascer e ainda estava distante de Saluzzo. Havia atravessado a fronteira, favorecido pelas chuvas pesadas. Sua preocupação se concentrava toda na preciosa carga que levava.

Felizmente firmara bem o ataúde do vampiro. A fuga apressada de Paris não o permitira traçar um roteiro definido. Importava agora chegar a algum local onde pudesse repousar por algum tempo, a salvo.

Numa curva mais acentuada, o furgão derrapou violentamente, fugindo ao seu controle. Guinou para a esquerda e foi ao encontro de uma árvore.

Com o choque, Torg foi jogado contra a outra porta. Um filete de sangue escorreu por sua testa. Ele se ergueu aturdido, olhando os reflexos que os faróis produziam nas poças da estrada.

— Maldição! — Praguejou, levando a mão à testa e pressionando o corte.

Voltou ao volante. Engrenou a marcha mais pesada e acelerou com impaciência. As rodas giraram inutilmente. O carro estava preso na vala que margeava a estrada.

— Maldição! — voltou a berrar, esmurrando o volante e pressionando o pé contra o acelerador.

Sua ação desesperada apenas serviu para prender ainda mais o veículo no atoleiro.

Quando se convenceu, finalmente, de que seu esforço era inútil, desligou o motor e ficou por instantes, ouvindo o bater incessante da água contra a lataria do carro.

Para os lados do nascente, as nuvens pareciam se tornar claras. O dia chegava. Drácula estava em seu ataúde, enfraquecido pela batalha travada contra seu mortal inimigo.

Era preciso fazer algo, mas o corcunda não via nenhuma saída. Não podia ficar ali, esperando ajuda. A presença do ataúde poderia provocar suspeita ou atrair a curiosidade de algum intrometido. Além disso, o veículo poderia ter sofrido algum dano. Se tivesse de levá-lo a uma oficina, não poderia fazê-lo com Drácula em seu interior.

Ergueu-se do assento e abriu a porta que separava a cabine da carroceria. Uma lâmpada se acendeu no alto do teto, iluminando o ataúde.

A chuva pareceu amainar. À claridade que se esboçava, Torg viu algo além da estrada, ao pé de uma colina. Parecia uma caverna. Talvez exatamente o que necessitava.

Deixou o veículo e atravessou o lamaçal da estrada até uma cerca de arame farpado. Havia uma placa. Torg não era muito bom em italiano, mas poderia entender que, por um motivo que não pudera traduzir, a entrada daquele local era proibida.

Ultrapassou a cerca. A região estava toda demarcada e havia algumas escavações transformadas agora em enormes poças de água.

O corcunda coxeou, evitando-as, até chegar à caverna. Sondou o interior escuro, esperando alguns instantes até que seus olhos pudessem ver com clareza. Depois avançou. Alguns passos após a entrada, a caverna se

subdividia em dois grandes túneis. Torg examinou um e outro, escolhendo ao acaso. Seguiu em frente, percebendo que descia por um declive que, pouco a pouco, se acentuava.

À frente, finalmente, viu-se numa grande sala de pedra, com estalactites formando arcadas tétricas e frias, como um cômodo grotesco de um castelo antigo.

O ruído de seus passos ecoou pelos diversos túneis que partiam daquela sala, aprofundou-se no interior da terra. Torg andou um pouco mais.

Estacou, porém, ao perceber que um de seus pés pairava sobre o vazio. Havia uma fenda no meio da sala natural. Torg se inclinou, apanhou uma pedra e jogou-a em seu interior. O eco de seus movimentos, porém, confundiu sua audição, não deixando perceber se havia profundidade naquele buraco perigoso.

Ergueu-se, então, olhando ao seu redor. O local parecia adequado para esconder Drácula e seu ataúde. Enquanto isso, poderia caminhar até Saluzzo e conseguir ajuda para rebocar o furgão e consertá-lo, caso houvesse algum dano.

Retornou, então, encontrando facilmente a saída. O dia chegara. As nuvens escuras, porém, mantinham aquela aparência sombria.

A chuva cessara momentaneamente. Torg se apressou em fazer o que precisava ser feito. Foi até o furgão e abriu-o. Observando o precioso ataúde de madeira fina, com frisos cromados e curiosas inscrições nazistas na tampa. Seria uma pena arrastá-lo pela lama, mas não havia outra saída.

Teve de se valer de toda sua força descomunal para descê-lo do veículo, depois arrastá-lo pela estrada até a cerca.

Por momentos ficou indeciso entre o que fazer. Depois, arrebitou os fios de arame, partindo-os em suas mãos fortes e nodosas.

Depois arrastou o ataúde para a caverna. Tudo se tornou mais fácil quando chegou ao declive. A madeira deslizava com facilidade pelas pedras soltas do túnel. Torg apenas cuidava em controlar a descida, mas escorregou e ficou para trás, enquanto o caixão fúnebre avançou ruidosamente para a sala de pedra.

Sons confusos se misturaram num só eco. Depois, tudo ficou em silêncio, quebrado apenas pelo gotejar interminável de gotas que se filtravam por entre as pedras e iam construir lentamente as estalactites e estalagmites.

O corcunda se ergueu num salto e correu pela sala à procura do ataúde. Parou diante da fenda que cortava o chão. Tentou ver algo em seu interior, mas era impossível. Drácula talvez estivesse lá dentro agora. Precisava tirá-lo, mas como fazer isso.

Andou de um lado para outro, manifestando toda sua preocupação e sua raiva pelo incidente. Temeu pela ira do mestre. Praguejou sua má sorte. Rosnou ameaçadoramente para as pedras, até que percebeu ser inútil permanecer ali.

Precisava alcançar a cidade, conseguir cordas, uma lanterna possante e uma roldana. Só assim poderia retirar o ataúde. Andou ainda de um lado para outro. Não queria deixar o local.

Saiu, finalmente. O furgão estava preso à lama da vala. A chuva recomeçara. O dia se firmava gradativamente.

Não havia outra solução. Ganhou a estrada e seguiu a pé em frente, tão rápido quanto seu corpanzil desajeitado permitia.

Giuseppe Santini desligou o motor de seu trator, depois saltou para a calçada enlameada que circulava a cantina anexa ao posto de gasolina.

Fez um sinal para o encarregado junto à bomba de óleo, apontando um tambor que trazia numa carreta atrelada ao veículo. O outro respondeu com um sinal. Giuseppe jogou-lhe as chaves, depois entrou na cantina.

Quase em seguida recomeçou a chover. Um vento frio soprou para o interior da cantina uma lufada úmida. Ele fechou a porta e despiu a capa impermeável que vestia, pendurou-a num gancho da parede.

Foi até o balcão. Não havia ninguém do outro lado, mas um delicioso aroma de pão fresco indicava que os fornos ao fundo estavam em franca atividade.

Ele se sentou num dos tamboretos e aguardou. Girou o corpo para olhar pela janela. Debaixo de algumas árvores desfolhadas havia um trailer moderno com o emblema da Universidade de Turim.

O lavrador fez uma careta de desagrado, depois se voltou para a prateleira de bebidas, repleta de garrafas de vinho.

Um homem, vestindo um avental, saiu de uma porta no extremo do balcão. Ao ver Giuseppe, abriu os braços e exclamou:

— Ei, compadre! Como vai?

Giuseppe sorriu, estendendo uma das mãos e apertando a que lhe era estendida.

— Faz tempo que está aí?

— Acabei de chegar...

— Estava preparando uns pães lá dentro... Que acha de levar alguns para casa?

— Excelente idéia! Sabe como as crianças adoram seu pão — elogiou.

— Eu vou apanhar os mais frescos. — disse o cantineiro, retornando aos fundos.

Momentos depois, trazia um embrulho muito bem feito e o depositava diante de Giuseppe. A porta de entrada se abriu e um casal entrou apressadamente.

Ela era jovem ainda, mas os óculos de aro grosso davam-lhe uma falsa aparência de maturidade. O rapaz não devia passar dos trinta e era forte, espadaúdo. Ambos foram ocupar uma das mesas ao fundo.

O cantineiro fez uma careta e contornou o balcão para ir atendê-los. Voltou apressadamente. Providenciou duas xícaras de café e um pão recém-assado. Juntou algumas fatias de queijo e foi levar tudo numa bandeja ao casal.

Quando voltou ao balcão, encarou Giuseppe com desagrado.

— Eles ainda estão aí, Nuno. Acha que vão mesmo continuar com aquilo? — indagou Giuseppe.

— Parece que sim. Pensei que as chuvas fossem empatá-los, mas continuam aí, estacionados em meu posto, aguardando.

— Muita coragem, não?

— Dizem que são cientistas... Profanadores, é que são.

— Aquele cemitério pagão esteve lá por todo esse tempo. Nem os romanos ousaram invadi-lo. Os fascistas passaram ao largo dele. Nossa gente o respeita. Esses, porém, vêm para escavar e destruir. Gostaria que uma daquelas lendas fosse verdadeira e que um monstro das profundezas lhes pregasse um susto de morte — resmungou Nuno.

Instintivamente Giuseppe persignou-se. Nuno percebeu seu gesto e o imitou. Depois se olharam. Conheciam as histórias que circulavam a respeito daquele local. Não foram poucos os que se viram frente a frente com as aparições mais terríveis naquela região.

A porta se abriu novamente e uma lufada fria agitou alguns cartazes de propaganda de cigarro presos à parede. Todos se voltaram para a figura grotesca e patética parada à porta.

Torg gotejava, exausto, após a caminhada. Aproximou-se do balcão. Percebeu o recuo instintivo daqueles que estavam ali. Sua figura retorcida os repugnava. Aquela reação o enraivecia, mas precisava se controlar.

— Vocês têm uma oficina por aqui? — indagou, num péssimo italiano.

— Sim, mas não creio que vá abrir. O encarregado foi a Saluzzo visitar um parente que está a morte — respondeu o cantineiro.

— A que distância estamos ainda de Saluzzo?

— Perto de quinze quilômetros. Para ser exato... Quatorze e meio...

A água escorria de suas roupas encharcadas gotejavam no assoalho, empoçando. Estava exausto.

— Onde posso conseguir corda e uma roldana... Uma lanterna possante também...

O cantineiro olhou seu amigo Giuseppe depois voltou a encarar o corcunda.

— Acho que só conseguirá isso em Saluzzo. Para que precisa de tudo isso.

— Meu carro caiu numa vala, a alguns quilômetros daqui... Talvez um trator... Há um aí fora... Estou disposto a pagar muito — disse.

Giuseppe demonstrou interesse. Pela maneira como falava o corcunda parecia ter dinheiro. Talvez pudesse ganhar alguma coisa com isso.

— Onde, precisamente, seu carro caiu na vala? — quis saber.

— A alguns quilômetros daqui... Não sei ao certo a que distância. Foi numa curva, bati numa árvore também. Há uma colina com uma caverna...

Giuseppe não esperou que ele terminasse. Ergue-se rapidamente, pagou Nuno e saiu apressadamente. Torg ficou sem entender o que fizera o outro reagir daquela forma.

— Acho que não conseguirá ajuda, amigo. Pouca gente se arrisca a ficar muito tempo perto daquele local. Quem passa por ali não olha para os lados. Vai ser difícil conseguir alguma ajuda...

— Por quê? — quis saber o corcunda.

— Fantasmas... Maldições... Aquele local é um velho cemitério pagão... Túmulos antigos sem cruzes... A caverna é considerada uma espécie de catedral do mal... — explicou o cantineiro, afastando-se para ir atender o casal que estava na mesa.

Torg desejou rir do medo que vira nos olhos do homem, mas estava exausto demais para ironizar. Estava realmente encrencado agora. Se não retirasse o ataúde daquela caverna, Drácula o esganaria.

Percebeu que o tratorista lá fora manobrava seu veículo na direção de Saluzzo. Deixou a cantina e correu em seu encalço.

— Que tipo mais sinistro, professora — murmurou o rapaz à mesa, observando o corcunda saltar para a carreta e acomodando-se junto ao tambor de óleo.

— Realmente — concordou a mulher, retirando seus óculos para limpar as lentes com um guardanapo de papel.

Seus olhos eram verdes e expressivos, embora aparentassem o cansaço característico daqueles que se debruçam incessantemente sobre os livros, descobrindo seus segredos.

O vento lá fora soprou mais forte e as gotas de água vieram se acumular na vidraça. O rapaz tomou um resto de café em sua xícara, depois a depositou sobre o pires e acendeu um cigarro.

Ficou olhando a chuva que caía, lavando os campos desfolhados à espera do inverno.

— As chuvas não vão cessar tão cedo, professora — disse ele.

— Sei disso, Domenico, mas vamos continuar assim mesmo. Se não podemos aprofundar as escavações, vamos explorar aquela caverna. Estou certa de que vamos encontrar coisas interessantes por lá.

— Está realmente convencida de que a caverna era usada pelos pagãos que habitavam a região?

— Seguramente. As lendas que temos ouvido confirmam isso.

O rapaz riu, batendo o cigarro contra a borda da xícara.

— Fantasmas... Isso a assusta?

— Sou uma cientista, já se esqueceu?

— Sim, uma das maiores arqueólogas da Itália. Deve depositar muita fé nesse trabalho, não?

— Tenho pesquisado muito sobre esse povo. Minhas conclusões apontavam para esta região. Todas essas lendas, os túmulos que encontramos... Está confirmado.

— Algo me intriga, Profa. Naiara! — disse o rapaz.

— O que é?

— Escavamos os túmulos encontramos utensílios, armas e outros apetrechos, mas nenhum esqueleto. Por quê? Tem alguma teoria sobre isso.

— Por isso acredito que a caverna era uma espécie de templo. Tenho trabalhado sobre as inscrições que encontramos em todos os objetos. Mas alguns elementos e serei capaz de decifrá-las. Aí, então, toda a história se revelará.

— Quando entraremos na caverna?

— Assim que o pessoal voltar de Saluzzo com o material. Mandei que apanhassem as cordas, lanternas e ferramentas adequadas. Eu havia telegrafado para o diretor da Universidade, pedindo-lhe isso.

— Enquanto isso, vamos esperar que a chuva passe. Eu, particularmente, gostaria de aprofundar as escavações. Talvez encontremos os esqueletos que nos faltam — disse ele, sorrindo.

CAPÍTULO 2

No grande barracão de madeira, misto de oficina e depósito, tudo estava preparado para o acontecimento.

A um canto, junto à porta, um tacho de cobre fervia. A fumaça era levada pelo vento que soprava. Novas gotas de chuva começaram a tamborilar sobre o telhado.

Lauro Marettino experimentou o fio de uma das facas, esfregando-a no pulso e fazendo saltar alguns pêlos. Ainda assim, apanhou a pedra de amolar e esfregou-a com paciência pelo fio reluzente.

Depois, impaciente, olhou na direção da porta. Agostinho Lassera entrou em seguida, conduzindo o porco enorme, quase incapaz de caminhar.

— Amarre-o sobre o estrado — ordenou Lauro, apanhando uma faca de lâmina fina e aguçada.

Aproximou-se do estrado de madeira onde Agostinho tentava amarrar o animal, que se debatia. Lauro ajudou-o, então. O porco ficou imóvel. Seus olhos pareciam demonstrar toda a resignação do mundo.

— como estão lá dentro? — indagou Lauro, fazendo um gesto de cabeça na direção da casa.

— Estão preparando o tempero.

— Vá buscar a vasilha para o sangue. Vamos ter o mais delicioso chouriço da redondeza — sorriu o fazendeiro, examinando com satisfação as banhas que pendiam em dobras do corpo do suíno.

Agostinho afastou-se rapidamente, puxando para cima da cabeça a gola de sua capa de chuva. Venceu o espaço que separava o depósito da casa.

Retirou a capa e bateu levemente na porta.

Ela sorriu, percebendo o que ele pretendia. Recuou, fugindo ao campo de visão do pai, lá no depósito, e ergueu o braço para enlaçar o pescoço do rapaz.

Beijaram-se e esfregaram-se com uma volúpia incontida. O cheiro forte de tempero reinante na cozinha em nada perturbava os dois namorados.

— Onde está sua mãe? — quis saber ele, enquanto a beijava no pescoço e descia pelos flancos macios e bem delineados do corpo dela.

— Foi na despensa, apanhar mais alho. Aí vem ela! — alertou soltando-se dele e indo apanhar uma vasilha enorme.

— Tudo pronto por lá? — indagou a mulher que entrava.

— Sim, vamos sangrar o porco.

— Vamos descascar um pouco mais de alho e cebola. Lauro gosta desse chouriço muito bem temperado.

— E não podia ser de outra maneira — concordou Agostinho, olhando mais uma vez na direção da garota, antes de sair pela porta.

Apenas jogou a cabeça a capa de chuva e correu para o depósito. Passou a vasilha ao fazendeiro, que a acomodou sob o estrado, debaixo de um orifício preparado para aquele fim.

Depois segurou firme o punhal em sua mão, agarrando, com a outra, uma das pernas do animal. Agostinho veio ajudá-lo a conter o porco em sua agonia.

Lauro olhou para o tacho de água fervente, depois empurrou com firmeza a lamina afiada contra o corpo do suíno, golpeando-lhe o coração.

O sangue esguichou para a vasilha com um ruído desagradável que foi coberto pelo grito de agonia do animal, que se debateu desesperadamente.

— Mantenha-o imóvel — ordenou ao empregado. — Não quero desperdiçar nem uma gota desse sangue.

O trator diminuiu a marcha ao chegar a uma encruzilhada.

— Siga em frente. A cidade está a uns oito quilômetros apenas — disse Giuseppe ao corcunda, que havia saltado da carreta.

Ficou ali, em pé na lama da estrada, encharcado até os ossos, enquanto o trator tomava outra direção. Resmungou qualquer coisa, olhando para o céu.

As horas passavam com rapidez. Drácula estava naquela caverna, talvez preso em seu ataúde. Precisava ser atendido depressa. Estava fraco, necessitava de sangue. Torg compreendia a delicada situação.

Começou a caminhar, então. Tinha de chegar à cidade e conseguir o material necessário para explorar aquela caverna e resgatar o ataúde. Além disso, estava preocupado com o carro, preso naquela vala.

A chuva voltou a cair com intensidade. O vento agitava galhos desfolhados à beira da estrada. Torg se esforçou para enxergar a estrada, mas se tornava cada vez mais difícil. Precisava encontrar um abrigo, pelo menos até que o temporal amainasse.

Viu, então, próximo dali, uma pequena capela. Correu naquela direção. O local era pequeno e havia tocos de velas espalhadas pelo chão. Ao fundo, num pequeno altar, uma fotografia com uma placa logo abaixo.

Tentou ler o que estava escrito ali, mas o tempo se encarregava de escurecer totalmente o metal. Acomodou-se num canto. Estava protegido da chuva.

Estirou as pernas, sentindo-as doloridas. Apertou de encontro ao corpo as roupas molhadas. Olhou os tocos de velas. Ao pé do pequeno altar havia uma caixa de fósforos. Sorriu, estendendo uma das mãos. Havia alguns palitos de restos.

Acendeu um resto de vela. Depois, reuniu todos que pôde e acendeu também. O vento fazia as agitar as chamas, mas, ainda assim, elas produziam um calor reconfortante.

Suspirou, fechando os olhos. Talvez o temporal ainda demorasse a passar. Precisava descansar, ainda que por poucos instantes.

Sua cabeça pendeu para o lado. Ele roncou, adormecido.

Todo o pessoal que participava da equipe da Profa. Naiara estava reunido no salão da cantina.

Conversavam ruidosamente, enquanto a chuva caía lá fora. A um canto, debruçada sobre suas anotações, a cientista pensava nos resultados até então conseguidos.

Tão logo obtivesse o exame do material conseguido, poderia estabelecer a época aproximada em que aquela civilização habitara a região. Isso era importante. O passo seguinte era localizar alguns esqueletos. Era intrigante o fato de que todos os túmulos examinados estivessem vazios de qualquer indício humano positivo. Os utensílios e armas tinham seu valor, mas nada como um esqueleto para confirmar todas as suas teorias.

Domênico, seu principal auxiliar, aproximou-se e se sentou diante dela, Naiara levantou os olhos verdes e expressivos para ele.

— Não creio que o pessoal tenha condições de chagar até aqui com esse temporal, professora.

— Estou sentindo isso, também — concordou ela, com desânimo.

Sabia que aquela era a pior época do ano para o tipo de trabalho que realizavam. Não podia, no entanto, esperar pela chegada do inverno.

Pensou, então, no que tinha conseguido. Os túmulos não continham esqueletos. A caverna lhe parecia, portanto, extremamente significativa. Em seu interior talvez estivesse oculto o segredo de tudo aquilo.

Sem o material adequado, no entanto, nada podiam fazer. Domênico, todavia, tinha uma excelente sugestão a fazer:

— Professora, já que não podemos continuar as escavações nem explorar totalmente a caverna, acho que deveríamos ir fazendo algo para adiantar...

— O quê, por exemplo? — indagou ela.

— Podemos improvisar. Temos as baterias do trailer e o jipe. Uma equipe poderia ir até lá e instalar um sistema de iluminação, até onde permitissem os fios de que dispomos. Com um pouco de luz poderíamos ir mapeando e demarcando o terreno da caverna, deixando para explorá-la totalmente quando o resto do equipamento chegar.

A professora sorriu, aprovando com um gesto de cabeça, enquanto seus olhos ganhavam um brilho intenso e satisfeito.

— Excelente idéia. Domênico. Eu, particularmente, não consigo mais ficar aqui, sentindo-me presa. Prepare o que temos em mão. Vou me trocar. Acho que poderemos adiantar nosso trabalho, fazendo alguma coisa hoje — disse ela, dominada por uma inquietação natural.

Algum tempo depois, o jipe partia para o local das escavações, levando a professora e mais dois rapazes, juntamente com todo o material que puderam, reunir.

A chuva continuava e aquele vento frio soprava com intensidade crescente. Naiara julgou aquilo um bom indício. O vento poderia varrer as nuvens e afastar a chuva.

Se isso acontecesse depressa, no dia seguinte poderiam reiniciar os trabalhos interrompidos. Quando chegaram ao local. O furgão preso na vala à beira da estrada.

— Acho que deve pertencer àquele corcunda que esteve na cantina — comentou.

— Podíamos ajudá-lo, não? — opinou ela.

— É difícil dizer, professora. A estrada está muito enlameada, não sei se teríamos tração para tanto. Ele precisaria de um trator realmente — disse

o rapaz, enquanto manobrava o veículo para uma entrada que os levaria até próximo da caverna.

— Vamos fazer uma investigação preliminar — disse a cientista, saltando do veículo e correndo até a caverna — Devíamos ter feito isso antes.

— Com todos aqueles túmulos sugestivos nos esperando? — riu Domênico, que a seguira.

— É, acho que tem razão — concordou ela.

Domênico acendeu então, a pequena lanterna que trouxera, iluminando as paredes da caverna.

Naiara e Domênico foram observar. Havia marcas da passagem de algo pesado que fora arrastado para dentro da caverna. O rapaz iluminou, então, a trilha que seguia para o interior. Entreolharam-se.

— Vejam aquela cerca também — apontou o outro rapaz. — Parece que trouxeram algo do furgão para cá. Talvez contrabando. Não estamos muito longe da fronteira.

— Acha que aquele corcunda poderia ser um contrabandista? — indagou Naiara.

— Pode ser — murmurou Domênico, avançando caverna adentro, seguido pelos outros.

Chegaram ao declive que os levaria até uma ampla sala. A lanterna iluminava as marcas do chão. Elas iam acabar, no entanto, numa fenda, enorme que cortava a pedra no meio. Aproximaram-se cautelosamente.

— Isso parece não ter fim — disse Domênico, iluminando-a.

Apanhou uma pedra e soltou. Após alguns instantes, um som oco foi produzido.

— Madeira! — exclamou Naiara, estranhando.

Apanhou ela mesma uma outra pedra, um pouco maior, e soltou-a na fenda. O som voltou a ser produzido, confirmando suas suspeitas anteriores.

— Tente iluminar — pediu a Domênico.

— É inútil esta lanterna não é apropriada. Talvez possamos conseguir algo, baixando uma lâmpada até o fundo. O que me diz? Poderemos trazer uma das baterias para cá.

— Sm, faça isso — pediu ela.

Os rapazes foram cuidar disso. Enquanto os esperava, Naiara observou as paredes da caverna, procurando qualquer coisa significativa.

Percebeu a existência de diversos túneis que se aprofundavam. Um objeto junto à entrada de um deles lhe chamou a atenção.

Foi até lá, iluminou o caminho com a lanterna. Apanhou uma espécie de tigela de cerâmica, partida ao meio. Assemelhava-se aos outros utensílios encontrados no lado de fora.

O fato de estar ali, porém, significa que a caverna era usada para alguma coisa. Isso a fez se sentir esperançosa em relação às investigações futuras.

— Professora, ilumine o caminho, por favor! — pediu Domênico.

Naiara retornou até a entrada da caverna, auxiliando-os. A bateria foi levada até junto da fenda. Giglio, o outro rapaz, desenrolou um bom pedaço de fio, depois instalou um soquete na extremidade.

Domênico tratou de providenciar a ligação à bateria. A lâmpada fortíssima se acendeu, então, possibilitando uma visão deslumbrante do interior da caverna.

— Lindo, não! — murmurou Naiara.

— Sim, realmente — confirmou Domênico.

— Mas vamos ver o que descobrimos nesta fenda — ordenou ela.

A lâmpada foi sendo baixada. Logo de início, iluminou diversas ossadas, amontoadas sobre reentrâncias e saliências.

— Fantástico! Está tudo aí. Todos esses esqueletos vão nos fornecer explicações interessantes — exclamou ela, satisfeita e febril.

— Veja aqui, mais abaixo, professora — disse Domênico, baixando a lâmpada ao máximo possível.

Algo rebrilhava ao fundo, como metal cromado e madeira envernizada.

— Veja as bordas da fenda. Algo caiu por ela recentemente. Talvez o contrabando que o corcunda tentou esconder — opinou Giglio.

— isso não nos interessa. Estou fascinada pelos esqueletos. Se ao menos pudéssemos alcançar um deles.

— Não há meio de fazê-lo sem provocar danos. Vamos precisar de equipamento adequado, não há outro meio — opinou Domênico.

— Então temos de providenciar isso o mais depressa possível. Domênico, você vai a Saluzzo com o jipe. Com ele poderá trazer o material, apesar da chuva. Nosso caminhão ficará preso lá até que o tempo melhore, mas não podemos esperar agora que descobrimos o mais importante.

— E quanto ao corcunda e o que ele escondeu lá dentro?

— Que importa o corcunda? Ele jamais chegará aqui a tempo. Mesmo que o faça, terá de tirar o furgão da vala primeiro. Depois, estou certa de que terá muitas dificuldades para retirar o que quer que seja de dentro desta fenda. Se você se apressar, estará aqui à noite. Amanhã cedo traremos todo o pessoal para cá e o corcunda nada poderá fazer enquanto não esclarecer toda situação e deixar que nós retiremos daí tudo que precisarmos — argumentou a professora.

Ela tem razão, Domênico — ajuntou Giglio — Vamos nos apressar, portanto.

Torg acordou sobressaltado com o que pensou ser o ruído da chuva ainda. Aguçando os ouvidos, no entanto, percebeu que um veículo se aproximava, na direção de Saluzzo.

Deixou a capela e correu para a beira da estrada. Um jipe se aproximava. O corcunda sorriu satisfeito. Com aquela ajuda providencial chegaria a Saluzzo rapidamente e poderia providenciar tudo antes do anoitecer.

Trazia algum dinheiro consigo. Poderia alugar um jipe para trazê-lo de volta e ajudá-lo a retirar o furgão da vala. Depois, com o material que comprariam trataria de resgatar o ataúde.

Durante a noite poderia recomeçar a viagem interrompida pelo acidente.

Acenou, quando o jipe se aproximou, derrapando sobre a estrada lamacenta. Ao volante, Domênico o reconheceu. Giglio lhe disse qualquer coisa. O motor foi acelerado. Engatou-se uma marcha pesada.

— Levem-me a Saluzzo! — gritou Torg, enquanto o veículo passava por ele, espirrando lama sobre seu corpo. — Levem-me a Saluzzo, malditos! — berrou, fora de si, ao ver que o jipe se afastava, insensível a seus apelos.

CAPÍTULO 3

— Torg! Bastardo amaldiçoado! — berrou o vampiro e sua voz trovejou, ecoando pelos túneis da caverna.

Drácula estava atônito. O corcunda não se encontrava em parte alguma. Queria descobrir o que houvera, o que fazia seu ataúde no fundo daquela fenda e onde estava, afinal de contas.

Apenas o gotejar lento e incessante das gotas de água filtradas através da pedra respondia a suas indagações. Sentia-se fraco. Precisava recuperar suas forças no sangue morno de algum mortal.

Caminhou até a saída da caverna. A noite caíra negra e densa. A chuva persistia. O vento soprava úmido e frio. Farejou o ar, à procura de algum odor conhecido. Apenas percebeu o cheiro agreste de terra molhada.

Apoiou-se por momentos à parede da caverna, mas uma dor aguda em suas costas o fez enrijecer-se. Em seu último encontro com aquele maldito professor havia sido atingido ali.

O que fora usado para provocar a ferida? Lembrou-se, então, de ter visto, durante a luta, um crucifixo nas mãos do cientista. As extremidades haviam sido limadas, tornando-o uma arma mortal ao vampiro.

Ofegou enraivecido. Hilgenstiller ainda o pagaria por aquela perseguição implacável. Quando chegasse o momento, iria fazê-lo se arrepender de haver desafiado o Príncipe das Trevas.

Sentiu todo o corpo tremer, se ressentindo da falta de seu alimento vital. Mas chovia lá fora e a água o afetava. Tinha de permanecer ali, à espera de que algo ou alguém viesse buscar abrigo na caverna. A espera poderia ser torturante.

Olhou ao seu redor, atento para detalhes que não perceberá antes. Havia aquelas escavações do lado de fora, onde a água se empoçava. Viu

pegadas na estrada da caverna, rastos de um veículo ali perto e algumas caixas.

Foi examiná-las. Continham baterias e fios. Aprofundou-se na caverna, seguindo as pegadas. Elas iam ter na fenda, onde caíra seu ataúde.

Repentinamente, como um frio que lhe percorresse o corpo, Drácula recuou, pressentindo um perigo, ainda desconhecido. Olhou ao seu redor. Nada via, mas aquela sensação fazia eriçar seu corpo.

Havia algo maligno na caverna, tão maligno quanto ele, inimigo, portanto. Rosnou, andando inquieto de um lado para outro, sentindo aquela presença no ar. O perigo estava presente, embora desse a impressão de estar adormecido. Drácula se aproximou da fenda e olhou. Viu os esqueletos em que esbarrara quando saira. Tudo fazia sentido agora. Aquele local fora usado há muito tempo com uma espécie de altar de sacrifícios.

Deveria ter sido freqüentado por um povo pagão, já que não havia cruzes. Aquelas escavações lá fora, também eram significativas. Cientistas estavam pesquisando o local. Acabariam por despertar aquela presença que podiam pressentir, mas não identificar.

Talvez pudesse concluir algo se soubesse onde estava. Tudo o que sabia, no entanto era que estava preso numa caverna em algum ponto da Europa, talvez na França ainda, na Suíça ou na Itália.

Sua inquietação aumentou quando se lembrou de Torg.

— Maldito corcunda! Eu devia destruí-lo — rugiu, sentindo-se mais fraco a cada momento. — Se ao menos essa chuva parasse por instantes.

Hilgenstiller entrou em seu apartamento, carregando a correspondência que se acumulara durante sua ausência. Deixou tudo sobre a mesa da sala, depois foi se soltar sobre uma poltrona.

Estava exausto pela viagem e obcecado pela frustração. Drácula estivera ao seu alcance, poderia ter destruído aquela maldição. Sabia, no

entanto, que lhe causara algum mal com as extremidades cortantes daquele crucifixo. Esse pensamento o fazia se sentir um pouco melhor.

Olhou sua maleta sobre a mesa. Os instrumentos que carregava eram eficientes, mas, para usá-lo, teria de se aproximar do vampiro até quase tocá-lo.

Estivera pensando nisso durante toda a viagem. Era preciso algo mais eficiente, mesmo à distancia. Repassou mentalmente tudo o que poderia afetar o vampiro.

A madeira de uma estaca transpassando-lhe o coração era mortal. O alho, o afugentava, devendo, portanto, provocar-lhe algum tipo de sofrimento. A água, principalmente a benzida, também lhe era prejudicial. Uma cruz podia destruí-lo, mas antes teria de ser encurralado. A luz do dia, finalmente, o mataria em definitivo.

Todos esses elementos, porém, tinham suas limitações. A proximidade era exigida para que atassem contra aquela força maligna.

Precisava unir isso a algum outro elemento, tornando-os mais poderosos e eficientes a longa distância. Só assim teria mais chances de eliminar aquela ameaça.

Mas como fazer isso? Como tornar suas armas contra o monstro realmente eficazes? Fosse Drácula um lobisomem, usaria contra ele balas de prata...

— Balas de prata! — exclamou, saltando da poltrona e se aproximando da mesa.

Abriu sua maleta e vasculhou-a à procura de sua velha pistola. Empunhou-a, por instantes, antes de retirar-lhe a munição.

Examinou as balas. Poderia parecer maluco. A polícia moderna usava balas de borrasca para conter multidões exaltadas. Talvez pudesse substituir os projéteis de chumbo por outros de madeira.

Teria, então uma arma realmente eficaz. Com um pouco de treinamento, voltaria a ter a antiga pontaria. Bastaria, então, transpassar o coração do monstro com uma daquelas balas de madeira e o teria destruído.

A idéia parecia excelente. Merecia ser tentada. Usara um tipo de madeira bem pesada. Tinha de consultar um armeiro e verificar aquela possibilidade. Talvez seu velho amigo, um sargento do Exército, pudesse ajudá-lo. Duffy era armeiro do Regime de Guarda.

Foi até seu estúdio e examinou um velho caderno de endereços. Lá estava o endereço do sargento, com o número de seu telefone inclusive. Não podia perder um minuto sequer. Da próxima vez que se avistasse com o vampiro estaria mais preparado que antes.

Torg andou de um lado para outro, demonstrando toda sua inquietação e sua raiva. Estava encharcado. A noite já caíra. A chuva continuava e a oficina fechada.

Caminhou depois, pela cidade. Sua figura grotesca e patética agora provocava olhares de repugnância e desprezo. Tudo contribuía para aumentar sua fúria.

Encontrou uma outra oficina, igualmente fechada. Informou-se num posto de gasolina. Ninguém poderia ajudá-lo. Estavam muito longe do local onde o furgão ficara preso na vala. Apenas no dia seguinte, se o temporal amainasse, poderia encontrar ajuda.

— Mas tem de ser hoje... Pagarei dobrado — dizia ele, exibindo as notas de francos que trazia consigo.

— Vai ser difícil encontrar alguém que aceite dinheiro francês — lembrou o rapaz. — Vai ter de esperar o dia amanhecer para trocá-lo no banco.

— Demônios! — praguejou o corcunda, sentindo-se tolhido.

Pensou em Drácula, preso naquela fenda. Estava fraco, destrutível, vulnerável ao extremo. Precisava ajudá-lo de alguma forma.

Via, no entanto que todos seus esforços se mostravam inúteis. As lojas estavam fechadas, as oficinas também. Tinha dinheiro francês e não podia gastá-lo. De qualquer maneira, portanto, teria de esperar o dia chegar. Isso poderia ser fatal para o vampiro, porém.

Qualquer coisa forte e opressiva fez crisar seu corpo, como se estivesse à beira de um acesso de fúria. Precisava fazer alguma coisa com urgência ou acabaria destroçando tudo que lhe surgisse pela frente.

Afastou-se do local. Blasfemou contra a chuva, responsável por toda aquela situação. Esperou ansiosamente que Drácula entendesse o ocorrido. O temor pela fúria do vampiro o assustava.

Nada podia fazer, no entanto, a não ser lamentar e esperar pela chegada de um novo dia.

O vento assobiava por entre os galhos desfolhados de uma árvore ao lado da casa.

Agostinho se preparava para dormir. Fora um dia exausto aquele, quando a família se empenhava em preparar suprimentos para o inverno que chegava.

Apesar do cansaço, porém, sentia uma espécie de ardor dominando seu corpo. Seus pensamentos se voltaram a todo instante para a figura tentadora e meiga de Nunciata Maretino, a filha do patrão.

O empregado foi até o armário e apanhou uma garrafa de vinho pela metade. Serviu um copo e se aproximou da janela, ouvindo o vento lúgubre lá fora.

Não ouviu ruídos da chuva. O temporal parecia haver acalmado. Ele abriu a janela. Gotas pingavam do beiral diante de seus olhos, que se

alongaram até a casa principal da fazenda, subindo por suas paredes de tijolos descobertos, até uma janela.

Pelas frestas da veneziana percebia luz. Nunciata ainda estava acordada, talvez pensando nele. Essa idéia fez aumentar aquele calor que invadia seu corpo.

Tomou alguns goles lentos de vinho, concentrando seu pensamento naquela janela, como se esperasse vê-la abrir a qualquer momento, revelando o rosto jovem da garota.

O vento foi cessando, então, gradativamente, até que um silêncio pesado pairasse, quebrado apenas pelo gotejar do telhado.

Procurou um cigarro, acendeu-o e foi se debruçar na janela, olhando a casa principal. Seus lábios se entreabriram, como que murmurando um nome. Suas mãos se crisparam, lembrando-se daqueles momentos em que estivera a sós com ela, sentindo suas carnes macias, seus contornos definidos, beijando seus lábios de mulher.

Estremeceu, excitado. A luz persistia naquela janela, apesar de todo o resto da casa estar às escuras. Talvez ela ainda estivesse acordada, dominada pela mesma inquietação que o tornava insone, apesar do cansaço.

Terminou o vinho. Olhou sua cama. Por instantes imaginou ali a presença deslumbrada da garota. Seus olhos brilharam mais fortes e seu coração disparou.

Quase que no mesmo instante, ruídos vieram do curral, onde estavam as vacas. Aguçou os ouvidos. Os animais estavam inquietos por algum motivo.

— É cedo para os lobos — murmurou, afastando-se da janela para ir apanhar seu rifle de caça, preso na parede, acima da cabeceira da cama.

Verificou a carga da terrível arma. Os cartuchos estavam em ordem. Voltou à janela, atentando para os ruídos no curral.

Eles persistiram, revelando uma inquietação crescente dos animais. O inverno ainda não chegara. Era cedo demais para os lobos. Ainda assim precisava verificar. Era sua obrigação proteger os animais.

Vestiu sua capa e suas galochas, depois deixou a casa. Engatilhou a arma e se dirigiu para o curral. Quando chegou, viu qualquer coisa se mover do outro lado da cerca, entre o gado, que se debatia inquieto e assustado.

— Chô! — gritou, erguendo a arma.

O vulto escuro afastou-se do pescoço, de um dos animais e se esgueirou com rapidez, fugindo a sua visão.

— Maldito lobo! — exclamou, atravessando a cerca e entrando por entre os animais.

Uma das vacas cambaleava, depois caiu de joelhos diante dele. Seu pescoço sangrava abundantemente, dilacerado.

— Maldição! — exclamou o rapaz, retirando seu lenço e comprimindo-o sobre o ferimento.

O lobo escolhera o local exato para morder. A perda do sangue enfraqueceria o animal, tornando-o presa fácil. Precisava fazer algo com urgência, mas, naqueles casos apenas o tempo poderia solucionar.

Afastou o lenço por instante, sentindo o sangue do animal esguichar sobre suas mãos. Era uma região delicada para um torniquete, mas teria de fazê-lo. Foi até o depósito ali perto e apanhou o necessário. Quando retornou, percebeu novamente aquele vulto negro esgueirando-se por entre os animais.

— Diabos! — exclamou, indo em sua perseguição, com sua arma pronta para disparar.

Um relâmpago iluminou o céu, seguido de um trovão ensurdecedor. Agostinho estacou, julgando-se enganado por seus olhos. O que vira

parecia humano, mas ser humano algum atacaria um animal como aquele o fizera.

Novo relâmpago cortou o céu e a chuva recomeçou. O vulto havia desaparecido, talvez assustado pelo próprio trovão.

Voltou a apanhar o material que deixara cair quando saíra em perseguição ao lobo, tratando, depois, de providenciar um torniquete para o pescoço da vaca.

Fez o melhor que pode, depois foi guardar o que restara no depósito. Parou à porta, esperando o momento propício para correr até sua casa.

Uma réstia de luz avançou, então, pelo pátio, fazendo seus olhos se erguerem automaticamente para a janela do quarto de Nunciata.

Lá estava ela, talvez assustada pelo trovão, olhando. Agostinho avançou, então, até se ver iluminado, possibilitando que ela o visse também.

Por algum tempo ficou ali, trocando com ela um olhar de paixão. Depois fez um sinal, apontando sua cabana, A garota permaneceu imóvel. Agostinho jogou-lhe um beijo, depois insistiu no convite. Nunciata fechou lentamente a janela, deixando-o em suspense.

Ele aguardou alguns instantes, depois correu para sua casa. Despiu a capa e as galochas e correu à janela de seu quarto, observar a casa principal.

A luz do quarto da garota se apagara. Tudo estava às escuras, agora, na casa.

Percebeu, então, o sangue em suas mãos. Foi até a torneira da cozinha lavá-las. Esfregou-as com sabão, depois as cheirou. O cheiro de tempero continuava. Naquela noite, todos naquela fazenda cheiravam a alho, cebola e pimenta. Sorriu.

Um ruído em algum ponto da casa o sobressaltou. Voltou-se, tentando definir de onde ele viera. A chuva caía miúda, agora, quase parando. Um

novo ruído, dessa vez junto à porta, fez tremer seu corpo e palpitar seu coração.

Abriu-a. Coberta por uma grossa capa de oleado, estava Nunciata, olhando-o entre temerosa e enternecida.

— Os animais estavam inquietos — murmurou ela, como se precisasse justificar sua presença ali.

— Sim, um lobo atacou uma das vacas... Acha que devo acordar seu pai?

— Um lobo? Assim tão cedo? — retrucou ela.

Ele continuou olhando para ela, como se esperasse a resposta para sua pergunta, que definiria toda a situação que viria em seguida.

— Acho que não deve acordá-lo — falou ela, finalmente, trêmula e ansiosa. — Ele está tão cansado... Todos estão tão cansados.

— Nunciata! — exclamou ele, num suspiro, estendendo ambas as mãos.

Ela sorriu timidamente, erguendo as suas e depositando-as sobre as dele. A chuva parara de novo. Ele a levou lentamente para o quarto, beijando aquelas mãos com um cheiro acentuado de temperos.

Abraçou-a. A porta de entrada bateu com força, sobressaltando-os.

— Apenas o vento, amor — murmurou ele, beijando-a.

CAPÍTULO 4

O ruído do vento não incomodava a professora, debruçada sobre suas anotações, no trailer.

A noite ia alta, mas ela não se sentia cansada. A viagem até a caverna, naquele dia, servira para excitá-la ao extremo.

Toda sua teoria a respeito do assunto estava ali, naquelas anotações e naquelas peças de cerâmica e utensílios, coletados no local.

Uma das peças a interessava mais que as outras. Era um fragmento de placa com traços que lembravam uma criatura. Vasculhava, agora, os outros pedaços acumulados, tentando montar aquele quebra-cabeça.

Tinha o corpo da criatura, mas o que a espicaçava era a parte superior, a cabeça, precisamente. Se não encontrasse ali o pedaço restante, restaria aguardar o dia seguinte para examinar alguns daqueles esqueletos que viram na fenda.

Comprovar sua teoria era essencial. Naquela caverna parecia estar a resposta que buscava.

Ouviu o ruído de um motor lá fora e reconheceu-o. Ergueu-se e foi até a janela. Ao abri-la, uma lufada agitou seus cabelos e acariciou gelidamente seu rosto.

No jipe, Domênico sorria satisfeito por haver conseguido todo o necessário para as tarefas do dia seguinte. Assim que deixou o veículo, aproximou-se da janela do trailer.

— Trouxe todo o necessário, professora — comunicou.

— Ótimo! Encontrou o resto do pessoal?

— Sim, o caminhão está em Saluzzo, mas não poderá sair de lá enquanto o tempo não melhora.

— Bem, vamos ter o que fazer enquanto aguardamos. Pode vir até aqui um momento?

— Sim, claro — concordou ela, pedindo a Giglio que levasse o jipe para a garagem que alugaram ao proprietário do posto de gasolina.

Quando entrou no trailer, a professora tinha uma xícara de café estendida para ele. Domênico despiu seu agasalho, depois apanhou-a, agradecendo.

Olhou Naiara com interesse.

— Venha até aqui! — pediu ela, levando-o até a mesa de estudos, onde se acumulavam as anotações e os objetos já encontrados nas escavações.

— Esteve estudando isso tudo até agora? — surpreendeu-se ele.

— Sim, há algo que me intriga aqui. Veja está placa. Você demarcou o local e mapeou os objetos encontrados?

— Sim, está tudo comigo.

— Preciso que consulte seus apontamentos e verifique se algum outro fragmento disso foi encontrado.

O rapaz examinou a peça em suas mãos.

— Eu me lembro disso. Só encontramos este pedaço. Pedi ao Rocco, que escavava o local, para que tentasse localizar mais alguma coisa que se encaixasse aqui, mas não creio que tenha encontrado. Ele teria me comunicado se algo significativo aparecesse... É bem verdade, porém, que a chuva interrompeu a todos...

— Então ainda pode estar lá... — murmurou ela, tomando a peça das mãos dele e examinando-a.

Pensou por instantes, depois levou-a para cima da mesa, depositando-a sobre uma folha de papel em branco. Guiando-se pelas proporções daquele tronco gravado na placa, esboçou alguns traços, formando uma figura humana.

Domênico observou com interesse. A professora ainda não dissera o que esperava encontrar exatamente naquela pesquisa. Tudo seria importante, lembrara ela, no início do trabalho.

— Por que não tenta esboçar a cabeça também, professora — disse ele, percebendo que esse detalhe ficara incompleto na figura elaborada por ela.

Naiara pensou por instantes, como se hesitasse. Depois, com firmeza, traçou os contornos de uma cabeça quase humana.

— O que é isso? — quis saber ele.

— O Licorne — explicou ela, completando o chifre longo que se projetava da testa do esboço.

— Licorne? — retrucou o rapaz, sem compreender ainda.

Naiara deixou o lápis cair de sua mão, depois se levantou e foi apanhar uma xícara de café. Olhou demoradamente o rapaz como que analisando a reação dele diante daquela estranha revelação.

Domênico voltou a olhar a figura agora traçada no papel. Aquela criatura não era humana. Poderia ser algo sugerido por uma lenda, por descrições fantasiosas ou supersticiosas, mas nada real e digno de uma pesquisa séria.

Encarou a professora. O olhar dela, no entanto, revelava determinação e segurança, como se estivesse realmente convencida dos objetos de sua busca.

— Já estive no Museu de Cluny, em Paris? — indagou ela.

— Sim, mas não me lembro de...

— Há uma tapeçaria, cuja origem ainda não foi determinada. Eu devo ter uma foto em minha biblioteca, em Turim. A idade daquela tapeçaria também não foi determinada ainda. Sei que é antiga, muito antiga. Apresenta uma cena incomum. Um homem, muito de besta e divindade, comanda um grupo de seguidores que o adoram. Essa figura é o Licorne.

Segundo algumas lendas, ele era uma espécie de vampiro... Não esses descritos pelas revistas e explorados nos cinemas. O Licorne era um ente degenerado e vivia a custa do fluido vital de seus seguidores... Era como se lhes sugasse a alma e tivesse de fazer isso para sobreviver.

Havia um brilho de incredulidade no olhar de Domênico. Tudo aquilo era muito fantástico, quase absurdo. Não compreendia como Naiara, uma cientista, pudesse dedicar um trabalho como aquele que realizavam para provar uma teoria tão fantasiosa.

— Você não acredita, não? — indagou ela, sem se abalar.

— É fantástico... Inacreditável realmente — gaguejou ele.

— Por isso era importante encontrarmos aqueles esqueletos. Um deles, talvez, traga a resposta que buscamos. Naquele local houve uma colônia pagã, comandada por um Licorne. Dia após dia ele tinha de sugar uma alma de suas vítimas para sobreviver. Quando enfim elas foram dizimadas, o Licorne continuou ali, enfraquecendo-se e morrendo.

Percebendo que a expressão de Domênico não se alterara, Naiara foi até um armário estreito e abriu-o. Dentro havia algumas dezenas de livros antigos.

— Em cada um desses livros, de autores renomados da antiguidade, você vai encontrar referências ao Licorne. Eu as coletei ano após ano, mapeando as referências, até que tudo apontasse para esta região. Estamos aqui e já encontramos boas pistas. Amanhã, talvez tenhamos a prova, definitiva. O que me diz agora?

O rapaz balançou a cabeça de um lado para outro, sem saber o que dizer realmente.

O dia amanhecera nublado e ameaçador, mas a chuva cessara. Por algum tempo reinou verdadeira agitação no posto de gasolina e no restaurante, até que dois veículos partissem.

Num jipe, levavam todo o material necessário à exploração da caverna. No outro, iam a professora, Domênico e duas outras garotas que participaram da equipe.

Naiara era a mais ansiosa de todos. Suas teorias poderiam ser comprovadas. A existência de um ser fantástico, misto de homem e demônio, poderia ser provada se encontrasse o que buscava.

Aqueles esqueletos poderiam explicar tudo. Uma teoria fantástica que não ousara levantar quando solicitara autorização e verbas da universidade para a expedição, poderia ser discutida, então, abertamente.

Guardara aquele segredo para si. Sabia que todos a olhariam com incredulidade, da mesma forma como fizera Domênico. Disfarçando seus reais interesses pudera, então, chegar ao seu objetivo maior.

O dia sombrio não incomodava. Tudo parecia brilhante demais, iluminado por sua excitação. Lembrou-se, então, quando chegavam ao local, daquele corcunda e do que ocultara na fenda.

Fosse o que fosse, poderia ter danificado preciosas informações. A pressa em se certificar disso a fazia inquieta.

— Encontramos o corcunda na estrada — disse Domênico, ao ver o furgão caído na vala.

— E o que fizeram?

— Passamos por ele bem depressa — riu o rapaz, manobrando o veículo para levá-lo até a entrada da caverna.

— Ótimo! — exclamou a professora.

Algum tempo depois, estavam descarregando o material. Naiara fora, com as duas garotas, até a fenda no interior da gruta.

Um detalhe, então, passou por sua mente. Aqueles esqueletos estiveram ali por muito tempo. Como não haviam sido descobertos antes? Alguém poderia ter entrado na caverna. Havia, ela tinha conhecimento, algumas lendas a respeito do local.

Lendas e ameaças, porém, fatalmente acabam por atrair a curiosidade de um espírito mais ousado. Não teria alguém entrado ali antes? Alguém já teria visto aqueles esqueletos?

Era difícil não pensar nisso. A menos que as ameaças resultantes das lendas fossem aterradoras demais. Isso seria, no entanto, muito significativo.

Domênico e Giglio entraram, então, trazendo uma bateria e um rolo de fio. Instalaram-se ao lado da fenda, depois iluminaram as ligações. Uma lâmpada potente iluminou as paredes de pedra.

— Vamos examinar tudo sem demora — ordenou a professora.

A lâmpada, então, foi sendo baixada lentamente, iluminando esqueletos desfeitos, ossos que se desfaziam em pó, caveiras que pareciam rir assustadoramente.

Giglio, que controlava a descida da lâmpada, intrigou-se pelo brilho daqueles metais mais abaixo e continuou soltando o fio aprofundando a luz.

— Ou estou enganado ou aquilo é um ataúde! — exclamou.

— Sim, parece que é mesmo um ataúde — confirmou Domênico.

— Impossível! — exclamou Naiara.

— Aquele furgão lá fora — lembrou uma das garotas.

— Não, não se parece com um carro funerário. E depois, que interesse alguém teria em arrastar para cá um ataúde, quando ele estaria mais protegido lá no veículo? Ainda acho que aquele corcunda usou o ataúde para fazer contrabando. Talvez haja algo valioso em seu interior — disse Domênico.

— Talvez haja, mas isso não nos interessa por enquanto. Vamos fotografar o local e estudar a melhor maneira de içar cada um desses esqueletos sem danificá-los.

Domênico e Giglio se entreolharam. Qualquer coisa brilhou em seus olhares como uma espécie de cumplicidade.

Torg deixou o banco conferindo o dinheiro que trocara.

O dia continuava nublado. Poderia voltar a chover. Tinha, no entanto, condições de preparar tudo e voltar para o furgão a tempo de livrá-lo e de resgatar Drácula.

Procurou a oficina mais próxima. Durante a noite, vagara pela pequena cidade como uma alma penada. Praticamente já a conhecia inteiramente.

— Preciso de reboque para tirar um furgão que caiu numa vala a uns vinte quilômetros daqui — disse ao rapaz que o olhava com uma expressão indefinível no rosto.

— Algum problema com o furgão?

— Ele bateu numa árvore. Talvez tenha danificado alguma coisa, eu não sei. Quanto quer para ir até lá?

— Bem... — começou o rapaz, puxando uma série de argumentos para justificar o alto preço que cobraria.

— Eu lhe pago o dobro para irmos agora mesmo — disse o corcunda, sacando o dinheiro de seus bolsos ainda úmidos.

— O senhor manda — disse o outro, fascinado pela oferta — Vá preparando tudo. Vou até o armazém e volto logo.

Sorriu, satisfeito, pressentindo que tudo ainda acabaria bem. No armazém providenciou um bom rolo de corda e uma roldana adequada. Com aquele material poderia resgatar o ataúde.

Quando retornou à oficina, o rapaz já estava com tudo pronto para partir. Saíram no mesmo instante. Para Torg o gasto não tinha a menor importância.

Dinheiro era algo que não preocupava o Conde Drácula. Todo o seu tesouro fora vendido aos poucos, de cidade em cidade, numa peregrinação que Torg efetuara.

Todo o produto da venda fora aplicado em bancos suíços. Os rendimentos que se acumulavam possibilitavam ao vampiro viver cercado do luxo e do requinte a que estava habituado.

Nem sempre tudo poderia ser feito abertamente. Às vezes teriam de se esconder às pressas, principalmente com aquele maldito professor Hilgenstiller em seu encalço.

Estava seguro, porém, de que Drácula, mais cedo ou tarde, eliminaria aquele inimigo implacável e tudo poderia ser mais cômodo para os dois.

Hilgenstiller passou pela sentinela, que o havia informado a direção a tomar, depois avançou por entre as alamedas desfolhadas do quartel do Regimento de Guarda.

Ao se aproximar do arsenal, foi contido por outra sentinela. Ao exhibir o passe que lhe fora cedido à entrada, tudo se tornou mais fácil.

Caminhou, então, na direção de uma espécie de casamata, nos fundo do quartel. Ali uma outra sentinela o guiou para o interior da construção.

Seu amigo, Sgto. Duffy, veio ao seu encontro afinal.

— Olá, professor! Há quanto tempo — disse o outro, cumprimentando-o efusivamente. — Vi seu retrato, dias atrás, num jornal francês. Não consegui ler o que dizia, mas penso que só tecia elogios a sua pessoa, não?

— Mais ou menos — confirmou ele, lembrando-se dos desagradáveis momentos que passara em Paris.

Duffy o guiou pelos corredores, até uma sala onde se localizava um estande de tiro ao alvo.

— O que me disse ontem, ao telefone, me deixou curioso. Pode me dizer para que precisa desse tipo de projétil? Confesso que não vejo uma utilidade prática para eles.

— Não me diga que já fez alguma coisa nesse sentido — surpreendeu-se Hilgenstiller.

— Para ser franco, sim. Um homem como eu, perto da aposentadoria, torna-se mais inquieto que nunca. Assim que recebi seu telefonema, apanhei o material necessário e entalhei alguns projéteis. Já os experimentei, até. Use esta pistola. Tente atingir aquele alvo ao fundo — disse o sargento, pressionando um botão e fazendo acender uma luz ao fundo.

O professor se retraiu, apertando a mão a pistola automática. O alvo mencionado pelo militar era um boneco, com feições humanas.

Ao perceber a reação do cientista, o sargento sorriu.

— Temos de ser práticos aqui, professor. O ser humano sempre foi o alvo principal de todas as guerras. Se quiser, posso conseguir algo mais adequado ao seu temperamento.

— Não, deixe para lá — disse o professor, fixando seu olhar no alvo.

Não era difícil alterar aquelas feições e aquele corpo, projetando sobre ele a figura sinistra e ameaçadora de Drácula.

Tudo se tornava mais fácil e apertar aquele gatilho poderia até ser um prazer.

Apontou cuidadosamente, mirando o coração do boneco. Apertou lentamente o gatilho. A arma escoiceou seu pulso, enquanto que o alvo permanecia intacto. Olhou a arma, intrigado.

— Aí está o problema, professor. Jamais encontraremos madeira que seja tão pesada a ponto de reagir adequadamente ao impulso, sem desviar-se. Só usando uma metralhadora se poderia atingir aquele alvo — explicou o sargento.

CAPÍTULO 5

Agostinho acordara cedo, como de costume e fora cuidar de seus afazeres. As nuvens escuras e ameaçadoras ainda continuavam no céu, dando um aspecto sombrio e tétrico à natureza.

Sua primeira preocupação foi examinar o animal que fora atacado na noite anterior. Encontrou-o agonizante. Nada mais poderia fazer. Ele fora mordido num ponto delicado. O maldito lobo atacara firme e com decisão.

Pouco mais tarde, retornou à cabana para deixar a capa que vestia. Aparentemente o tempo se manteria daquela forma, sem chuva, e o pesado agasalho dificultava seus movimentos.

Quando entrou, algo lhe chamou a atenção. Eram pegadas de lama na sala de entrada. Lembrou-se, então, de Nunciata e da inesquecível visita noturna realizada por ela.

Retirou a capa e pendurou-a num gancho junto à porta. Depois foi ao quarto, apanhar uma blusa. Percebeu, então, que ali não havia pegadas. Voltou-se e olhou para trás.

Alguém entrara em sua cabana na noite anterior. Aqueles rastros de lama seguiam na direção de uma pequena despensa ao fundo. Foi até lá, intrigado. Não conseguia imaginar quem teria feito aquilo.

Voltou para seu quarto, vestiu a blusa e olhou a cama desfeita e ainda perfumada pela passagem do corpo tentador da namorada.

— Tino! — chamaram lá fora e ele se pôs em pé num salto, reconhecendo a voz do patrão.

— Sim, Sr. Maretino — respondeu, deixando rapidamente sua cabana.

— O que houve com aquela vaca?

— Foi atacada ontem por um lobo, nada pude fazer.

— Ela está morta... Uma de minhas melhores vacas — disse o fazendeiro, praguejando enquanto rumava apressadamente para o curral, seguido pelo empregado.

Aproximou-se do animal, agora estendido a um canto, os olhos arregalados como se a morte lhe tivesse sido dolorosa.

Lauro debruçou-se e retirou o torniquete aplicado por Agostinho. Examinou atentamente o ferimento. Uma careta de repulsa e raiva estampou-se em seu rosto.

— Não foi um lobo, Tino — declarou, encarando o rapaz.

— E o que pode ter sido então, Sr. Maretino?

— Veja... Um lobo morde, quer arrancar pedaços. O que temos aqui é um rasgão, exatamente sobre a veia principal do pescoço, como se fosse feito deliberadamente para que o animal sangrasse...

— Se não foi um lobo, o que poderia ter sido então? — indagou o rapaz, lembrando-se da noite anterior, quando perseguia aquele vulto escuro.

Um relâmpago iluminara o céu e ele julgou ter visto, não o vulto de um lobo, mas uma figura humana. Juntando isso às pegadas que vira em sua cabana, tinha algo sem resposta. Ser humano algum faria algo como aquilo, a menos que fosse um monstro ou quisesse prejudicar o fazendeiro.

Se a primeira hipótese era maluca, a segunda era improvável. Lauro Maretino não tinha inimigos.

— Veja como isso infeccionou de um dia para outro — apontou Lauro. — Ela poderia ter se arranhado ontem em algum prego enferrujado da cerca — opinou Agostinho, vendo naquilo a melhor explicação em que poderia pensar.

— Talvez... Mas justo aqui, no pescoço...

Agostinho se pusera em pé e observava ao seu redor. Caminhou pelo curral até o ponto onde vira ou julgara ter visto alguma coisa na noite anterior.

Além da cerca, viu pegadas. Poderiam ter sido feitas por qualquer um da fazenda.

— Vá apanhar as ferramentas. Vamos enterrá-la, nada se pode fazer com um animal que morre assim — ordenou Lauro.

— Sim, senhor — obedeceu o rapaz, indo até o depósito.

Na volta passou diante de sua cabana. Estacou, curioso. Acabou entrando e examinando as pegadas que via ali. O barro continha aquela mistura inconfundível de estrume e capim que só poderia ser encontrada no curral.

Quem entrara ali estivera lá, talvez atacando aquela vaca e levando-a à morte. Se assim fosse, não poderia ser algo humano. Ao invés de esclarecer, apenas complicava tudo.

— Apressse-se, Tino — gritou Lauro e o rapaz deixou a cabana, apressando-se em atender o chamado.

Uma crispação instintiva retorceu o corpo do corcunda, ao perceber toda aquela movimentação diante da caverna.

Viu gente entrando e saído apressadamente, como se alguma coisa os excitasse e os fizesse agir daquela forma.

— É aquele o furgão? — indagou o mecânico ao seu lado.

— Sim, sim afirmou o corcunda, saltando assim que o veículo parou.

Enquanto o outro ia observar os danos no furgão. Torg observou atentamente o que se passava na caverna. Já havia visto antes aquele emblema nos veículos ali parados. Fora no posto de gasolina.

Sua chegada também fora notada. Uma bela mulher, acompanhada de um rapaz, deixaram a caverna e caminharam até a cerca arrebitada por Torg na noite anterior.

— Algum problema? — indagou o rapaz, com visível animosidade no tom de voz.

— Não, tudo bem — resmungou apressadamente o corcunda, como se lesse nos olhos deles que sabiam sobre o ataúde.

— O fúrgão é seu? — continuou o rapaz.

— Sim, é meu. Ontem à noite eu...

— Levava alguma coisa? — insistiu o outro e Torg sabia a que ele se referia.

Não conseguia adivinhar, no entanto, em que pé estavam as coisas. Teriam eles encontrado alguma coisa? Teriam aberto o ataúde? Se o tivesse feito, Drácula seria um monte de cinzas naquele momento.

— Não, nenhuma carga — declarou, sondando-os.

O semblante do rapaz revelou satisfação e Torg não entendeu. A bela mulher, que até então estivera em silêncio, se manifestou.

— Por acaso guardou algo na caverna ontem à noite?

Torg estremeceu, assustado.

— Não, nada... Por quê? — arriscou perguntar, notando que o rapaz examinava os fios de arame arrebitados.

Tudo era muito comprometedor e podia sentir que não acreditavam nele. O que estava se passando, no entanto, era algo que não conseguia perceber.

— Por nada — respondeu Naiara. — Somos da Universidade de Turim e estamos cavando o local. Se pudermos ser úteis em alguma coisa, basta dizer — sorriu ela, afastando-se.

O rapaz ainda continuou ali, junto à cerca, olhando Torg de uma maneira estranha e cúmplice. Depois virou as costas e seguiu a professora.

O mecânico veio apresentar seu relatório. Torg simplesmente lhe disse que cuidasse de tudo. Precisava ir até a caverna se certificar do que estava acontecendo. Se drácula fosse destruído, tudo estaria perdido para ele também. Sem seu mestre, voltaria a vagar pela terra sem destino e sem oportunidade de concretizar seu sonho maior. Apenas Drácula poderia ajudá-lo a conseguir um novo corpo, belo, atraente, capaz de fornecer a Torg todas as oportunidades para gozar dignamente sua imortalidade.

Ultrapassou a área delimitada como se demonstrasse apenas curiosidade. Chegou à caverna. Entrou. Todos pareciam ocupados demais para dar-lhe atenção.

Ao ver que trabalhavam junto à fenda, estremeceu e seus músculos se crisparam. Se houvesse descoberto o ataúde, teria de agir imediatamente, dizimando-os com sua força descomunal.

Não era a melhor maneira de resolver tudo, mas seria a única coisa fazer. Caminhou alguns passos. A lâmpada colocada sobre a fenda, iluminava seu interior.

Viu, então, que todo o trabalho da equipe se encontrava concentrado na tarefa de resgatar um esqueleto. Uma prancha de gesso havia sido armada ao redor dos ossos, equilibrados numa saliência.

Recuou. Talvez não tivesse descoberto o ataúde, mas não confiava muito nisso. As perguntas que lhe haviam sido formuladas revelavam que alguma coisa fora descoberta.

O instinto o alertava.

— Não vai demorar agora, senhor — disse o mecânico. — Vamos tirar essa beleza daqui em pouco tempo.

Torg olhava na direção da caverna, cheio de pressentimentos.

— São uns loucos, não? — comentou o outro, percebendo o modo como Torg olhava.

— Loucos? — retrucou o corcunda.

— Esse lugar tem permanecido intocado desde que me lembro. Antes disso, meu pai e meu avô já contavam coisas a respeito desse local. É assombrado, muitos já viram coisas inexplicáveis aí...

— Assombrado? E todo mundo sabe disso?

— sim, esse aí também, mas parecem não acreditar em assombrações... Mas cedo ou tarde vão acabar acreditando, isso eu lhe garanto... Vão mesmo — resmungou o mecânico, indo cuidar de seu trabalho.

Torg sentou-se no estribo do furgão e ficou pensando. Se o local tinha certa fama, poderia se valer disso para expulsar aqueles intrusos e resgatar Drácula.

Tudo poderia ser feito após o anoitecer. Restava aguardar e torcer para que nada de irreversível houvesse acontecido ao vampiro.

Assim que o trabalho foi concluído e puderam remover aquela preciosidade que despertava tanto interesse na professora, Domênico deixou a caverna para acender um cigarro.

Giglio estava no furgão, observando o jipe arrastar o outro veículo, retirando-o da vala. O corcunda acenou para o mecânico, depois saiu, acelerando firme e manobrando o veículo sobre a estrada enlameada.

Domênico foi ter com o amigo.

— Como foi lá dentro? — indagou.

— A professora e as garotas estão cuidando de tudo. É a especialidade delas, não? — respondeu Domênico, acompanhando, com o olhar, o furgão do corcunda desaparecer na próxima curva.

Giglio seguiu a direção de seu olhar e demonstrou certa inquietação.

— O que conversaram com aquele sujeito? — indagou.

— Segundo ele, não levava carga alguma no furgão nem guardou nada na caverna.

— Acreditou nele?

— Claro que não. Aquele ataúde é dele, estou certo. O que leva lá está me intrigando. Nada me tira da cabeça que se trata de contrabando.

— Também pensei nisso. Pode ser algo valioso. Não se sabe de onde ele vinha nem para onde ele ia. Talvez se dirigisse à Suíça...

Domênico concordou com um aceno de cabeça, depois encarou o amigo. Pareciam falar da mesma coisa e nutrir a mesma curiosidade a respeito do conteúdo daquele ataúde.

— Por que alguém esconderia um caixão? — indagou Domênico.

— Se levasse um corpo em seu interior, não haveria motivo para isso... Não pensa assim?

— Realmente... Pena que a professora esteja tão interessada naqueles esqueletos. Jamais permitiria...

— Sim, jamais permitiria — respondeu Giglio, entendendo onde Domênico queria chegar. — Além disso, ela dorme muito tarde. Com o material que coletou hoje, na certa atravessará a noite...

— Talvez se nós sugerirmos, ela o traga para o furgão. Poderíamos ir até a fenda... Somos especialistas, afinal. Poderíamos retirar aquele ataúde sem danificar os esqueletos que restam...

— Claro que podemos.

Domênico deixou cair seu cigarro sobre uma poça de água, depois se endireitou e caminhou na direção da caverna.

Anoitecera.

Naiara se concentrava sobre seu trabalho, auxiliada por Magda e Helena, suas melhores alunas naquele tipo de atividade.

O jantar fora servido há pouco. Pouco importava à professora alimentar-se, quando estava próximo de chegar à descoberta mais surpreendente dos últimos tempos.

Não se tratava de revelar ao mundo científico italiano a existência de outros vestígios da passagem dos romanos pela região. O que tinha em mão era mais antigo, de muito antes da fundação da própria Roma.

A análise daquele esqueleto revelaria muitas coisas. Teria de remetê-lo o mais depressa possível para a Universidade, a fim de que fosse estabelecida a sua idade.

Antes disso, porém, precisava analisar cuidadosamente aquele crânio. Nele poderiam estar todas as respostas que procurava.

Seria bom demais se encontrasse o Licorne ou seus vestígios logo de início. Era improvável, mas não impossível. Cada caveira que lhe caísse nas mãos teria de ser estudada com afinco. Uma delas poderia ser aquela que buscava.

— Estou exausta! — exclamou Helena, terminando de compor o molde daquela cabeça antiga.

— Descanse um pouco. Eu e Magda vamos assumir. Você já fez sua parte.

— Espero que encontre o que procura, professora — sorriu a garota, apanhando sua carteira de cigarros e seu isqueiro de cima da mesa de estudos e rumando para a porta traseira do furgão.

Quando a abriu uma lufada fria bateu contra seu rosto.

— Voltou a chover — disse, observando a garoa fina que descia do céu e era empurrada pelo vento.

— Feche a porta, Helena! — pediu Naiara.

A garota saltou do veículo e obedeceu. Ia caminhar na direção da barraca montada pelos rapazes, mas mudou de idéia, no meio do caminho e correu para a entrada da caverna.

Havia luz em seu interior. Ficou ali, encostada à parede, olhando a noite. Viu quando a luz na barraca de Giglio e Domênico se apagou. Pensamentos marotos passaram por sua mente e ela sorriu.

Poderia ir até lá e aliviar adequadamente toda a tensão e o cansaço por aquele dia de trabalho.

Descartou a idéia, porém. Não gostava muito de Giglio. Era antipático e convencido. Domênico tinha certa classe, mas não poderia fazer nada em relação a ele sem despertar a atenção de Giglio.

Sentou-se numa pedra e continuou fumando, olhando a garoa que caía, apreciando o silêncio daquela noite. Não pensava em nada tétrico. Seu espírito científico a punha acima de superstições ou temores sobrenaturais.

Acreditava no que via, no que seu raciocínio entendia. Isso a fez lembrar-se de que estava com frio. A idéia lhe veio de repente, como uma espécie de pressentimento infundado.

Não era o vento que soprava que fizera esfriar seu corpo daquela maneira. Era algo que vinha da caverna. Riu de si mesma e da tolice daquela conclusão.

O cigarro permaneceu, no entanto, entre seus dedos e ela ficou imóvel, como se qualquer movimento de seu corpo fosse confirmar um receio que se infiltrava nela estranhamente.

Voltou a rir, dizendo a si mesma que só bastava ter a impressão de estar sendo observada para que o quadro se completasse.

Mordeu os lábios, porém, quando exatamente isso aconteceu. Algo sufocante oprimiu seu peito. Talvez apenas sugestão, mas um animal rosnou baixinho atrás dela e sua respiração pesada e ameaçadora pareceu ecoar pela caverna.

Na parede, ao lado, uma sombra foi lentamente se agigantando.

CAPÍTULO 6

Voltou-se temerosa, sentindo sucessivos calafrios eriçarem sua pele. Um terror angustiante se manifestou naquela sensação de sufocação que explodiu em seu peito.

Ficou olhando aquela sombra aumentar, até que um vulto sinistro, caminhando lento, se emoldurasse à boca do túnel. Um homem vestido de negro, de rosto indefinido pelas sombras, estendeu-lhe as mãos, num convite irrecusável.

Helena estremeceu espasmodicamente. Seus maxilares se entrechocavam num ruído característico e seus olhos estavam fixos naquelas órbitas de fogo que se destacavam no rosto diante dela.

Era impossível resistir. Não sabia o que estava se passando nem quem era aquela figura misteriosa e aterradora, mas tinha de fazer o que lhe era ordenado.

Mecanicamente seus passos a conduziram na direção dele, que foi recuando pelo declive, até a ampla sala de pedra. Dali Drácula a guiou até um dos túneis, aprofundando-se na escuridão.

A presença morna e revigorante da garota despertava incontida volúpia em seu corpo enfraquecido. Queria gozá-la ao extremo, sugando-lhe o sangue que lhe devolveria as forças e o livraria da ameaça de destruição.

Helena apenas ouvia, agora, o eco dos próprios passos no túnel, além do rosar ameaçador do homem que a guiava.

Mantinha-se lúcida, percebia onde caminhava, mas não sabia o que a esperava ao fim daquela caminhada. O pavor desconhecido era enlouquecedor.

Estacou, subitamente, quando seu corpo esbarrou em algo frio e impessoal, como uma sombra materializada. Seus músculos se crisparam.

Lágrimas brotaram espontaneamente de seus olhos, escorrendo por suas faces.

Drácula a abraçou, bafejando-a com seu hálito fétido, esfregando-se a ela, gozando o secreto e macabro prazer de adiar o momento supremo.

Queria se sentir vivo novamente, forte outra vez e nada como a presença vencida de uma bela mulher para isso. Suas mãos apertaram as carnes voluptuosas de Helena, das nádegas aos seios, das coxas torneadas ao ventre delicado.

Sua boca gosmenta pousou sobre as faces dela e o gosto de sal das lágrimas que escorriam deram-lhe a exata dimensão de seu poder sobre os mortais comuns.

Riu, misturando grunhidos e rosnados, enquanto todo o corpo de Helena estremecia, percorrido por arrepios de indescritível horror.

Os lábios dele deslizaram, então, para o pescoço frágil e tentador, pousando sobre a veia que latejava. Uma volúpia intensa e alucinante dominou-o. Ele empurrou a garota contra a fria parede de pedra e pressionou seu corpo ao dela com força.

Sua boca se abriu, as presas se destacaram ameaçadoras, pousando sobre a veia latejante. Sua respiração se acelerou. Uma pressão firme e sentiu que a pele se rasgava e que algo morno e delicioso esguichou para sua boca.

Resfolegou esganadamente, ébrio de prazer e volúpia.

Tudo estava em silêncio no acampamento. Havia luz apenas no furgão e no interior da caverna. Torg avançou pelas sombras, observando tudo atentamente.

Quando se certificou de que não seria visto, penetrou na caverna e rumou para a sala de pedra. Viu a fenda e se aproximou. Debruçou-se, viu

os metais do ataúde rebrilhando, além de uma estrutura de madeira que haviam instalado para remover os esqueletos das bordas da fenda.

Teria de desfazer tudo aquilo. Se agisse com presteza, poderia remover o ataúde e libertar Drácula.

Trazia, enrolado a tiracolo, um pedaço de corda e uma roldana. Quando ia iniciar seu trabalho, pressentiu qualquer coisa.

Ergueu a cabeça, prestando atenção. O som de passos na entrada da caverna. Ele olhou ao seu redor, depois correu para se ocultar num dos túneis.

Giglio e Domênico se aproximaram da fenda e, por instantes, examinaram seu interior.

— Vamos desfazer o estrado. Eu cuido disso, enquanto você prepara o guindaste — disse Domênico.

— Certo. Vamos agir com rapidez e retirar o ataúde. Estou curioso a respeito de seu conteúdo — disse o outro.

Oculto no túnel. Torg sorriu. Talvez não precisasse fazer esforço algum. Deixaria que os dois trabalhassem por ele e resgatassem Drácula.

Estava certo de que se arrependeriam amargamente depois. Enquanto os observava, sentiu qualquer coisa no ar. Era a mesma sensação que o dominava quando Drácula estava por perto. Sua presença maligna impregnava o ar.

Olhou ao seu redor, perscrutando, tentando definir de onde vinha aquilo. Teria Drácula deixado seu descanso? Isso parecia nítido.

A menos que houvesse na caverna uma outra força maligna, tão poderosa quanto o vampiro, aqueles rapazes encontrariam apenas um travesseiro de terra no interior do caixão.

Drácula estava enfraquecido, no entanto. Disso Torg tinha certeza. Desejou poder investigar aqueles túneis, mas seus movimentos fatalmente

atrairiam a atenção dos dois. Precisava deixá-los terminar o trabalho, antes de afugentá-los.

— Devagar agora — recomendou Domênico, após haver baixado o gancho e o enroscado a uma das alças polidas.

Giglio começou a manobrar a manivela do guindaste improvisado sobre a fenda. Lentamente o trabalho mostrou resultado.

Enquanto Domênico controlava a subida, evitando provocar danos nas ossadas acumuladas por toda parte. Giglio ia enrolando o cabo, mal podendo se conter para não se apressar e satisfazer imediatamente sua curiosidade.

O ataúde finalmente, fora alçado. Domênico puxou-o para o lado. Giglio baixou-o lentamente. Cercando-o, olhando-o com curiosidade.

— É antigo... Veja estas inscrições — apontou.

Domênico se inclinou e espanou a poeira acumulada sobre uma das muitas placas de metal que cobriam a tampa. Uma inscrição nazista se revelou ante seus olhos surpresos.

— Um ataúde nazista! — exclamou.

— Não consigo imaginar o que estaria fazendo aqui. Ainda acha que foi o corcunda?

— Não sei, onde ele conseguiria algo assim? O que haverá aqui dentro — comentou Domênico, verificando a maneira como era fechado o ataúde. — Não há fechos nem parafusos.

— Então deve estar colada... Estranho, não?

Subitamente, interrompeu-se. Passos soaram na entrada da caverna.

— Helena! Precisamos de sua ajuda! — gritou Magda.

Os dois rapazes se entreolharam. Antes que pudessem se esconder, porém, a professora e a aluna surgiram diante deles. Naiara os olhou severamente.

— Vocês não tinham o direito de...

— Não danificamos os esqueletos, professora. Sabe que somos capazes...

— Isso deveria ficar onde estava. Muita coisa importante pode ter se perdido com esse ato impensado...

— Talvez tenhamos descoberto um pouco de história nisso também, professora — adiantou-se Domênico. — Este ataúde traz algumas curiosas inscrições. Venha ver.

Naiara se aproximou, contendo sua indagação. Aqueles irresponsáveis poderiam ter causado danos irreparáveis com a sua curiosidade.

Ao se debruçar sobre o ataúde, no entanto, viu-se intrigada. Eram mesmo inscrições nazistas. O conjunto todo parecia muito bem conservado, mas revelava certo artesanato que há muito deixara de ser praticado.

A madeira negra era sólida e polida, com entalhes artificiais bem distribuídos. Nas laterais, as alças cromadas ainda conservavam, talvez o brilho original.

— Como teria vindo parar aqui? — indagou Domênico.

— Uma coisa é certa: ele caiu pela fenda recentemente. Vejam isso — apontou ela, onde a madeira fora riscada no choque contra as pedras. — além disso, há lama aqui, como se alguém o tivesse arrastado.

— O corcunda? — lembrou Giglio.

— Talvez, mas ele negou. Por que teria feito isso? O que haverá aqui dentro? — indagou ela.

— Acho que devemos abri-lo — sugeriu Domênico, impaciente — Mas não vemos parafusos ou fechos. Talvez esteja colado.

— Seria uma pena danificá-lo. Dê-me aquela lâmpada — ordenou.

Giglio se apressou em atendê-la. Naiara se ajoelhou junto ao ataúde e aproximou a lâmpada, observando atentamente. Podia perceber onde a tampa se encaixava ao corpo do ataúde. Não havia vestígios de cola ou

qualquer outro material. Retirou, então, uma espátula do bolso de seu avental.

Introduziu-a na fenda, deslizando-a de um lado para outro, sem encontrar nenhuma resistência.

— Curioso! Vamos tentar remover — disse.

Os quatro se juntaram, então, mas todo o esforço foi inútil. Era como se houvesse algo prendendo a madeira ou, então, uma força misteriosa mantendo-a unida.

Desistiram e, por instantes, ficaram olhando os outros. Percebeu que Helena não estava entre eles.

— Onde está Helena? — indagou.

— Não está no furgão? — retrucou Domênico.

— Não, nem em sua barraca. Pensamos que estivesse aqui...

— Talvez tenha ido dar uma volta — argumentou Giglio.

— A está hora, com a garoa fria que cai? É improvável. Vamos procurá-la.

— E o ataúde?

— Não irá a parte alguma, irá? — ironizou a professora.

Quando deixaram a caverna, Domênico apontou algo junto à parede.

— Vejam, o isqueiro e cigarros!

— É de Helena. Eu a vi pegá-los quando saiu — afirmou Magda.

Os quatro se entreolharam.

— Vamos apanhar lanternas e procurá-la. Talvez tenha se perdido num dos túneis da caverna, ou por aí, nas redondezas.

Quando suas vozes se afastaram, Torg deixou seu esconderijo e correu para junto do ataúde. Ergueu facilmente a tampa. Drácula repousava em seu interior, o corpo esguio estendido, as mãos cruzadas sobre o peito, sangue fresco em seus lábios que pareciam rir de satisfação.

O corcunda compreendeu, então, o que ocorrera. A Helena que procuravam havia servido ao mestre, devolvendo-lhe as forças com seu sangue morno.

Drácula estava a salvo, pelo menos por enquanto. Remover o ataúde seria uma tarefa impossível, com todos aqueles intrometidos rondando lá fora.

Não havia o que temer se deixasse o ataúde ali. Jamais outras pessoas conseguiriam remover aquela tampa. Apenas ele, Torg, e Drácula podiam fazê-lo em virtude do elo sobrenatural que os unia.

Fechou-o, depois se esgueirou cuidadosamente, deixando o local.

Amanhecia e nos rostos exaustos de Naiara e seu grupo estava estampada a preocupação. Nenhum vestígio de Helena fora encontrado, durante toda noite de buscas.

Haviam preparado um rápido desjejum. Enquanto comiam em silêncio, olhavam na direção da caverna. Ali parecia estar a resposta para suas indagações.

Talvez Helena tivesse penetrado num dos túneis e se perdido. Poderia ter sofrido um acidente. Haveria, com certeza, outras fendas pela caverna.

— O que vamos fazer agora, professor? — indagou Magda.

— Não vamos nos desesperar, Giglio. Apanhe o jipe e vá até o posto. Traga todo o pessoal. Tente ligar para Saluzzo e verificar se a turma do caminhão também pode vir. Temos de investigar cada um desses túneis.

— Devo avisar a polícia?

— Não vamos nos antecipar. Se fizermos isso, o povo da redondeza saberá e, com certeza, haverá novas pressões para que encerramos nosso trabalho aqui. Sabemos como é importante continuar, agora que estamos tão perto das respostas que procuramos. Vá, vá depressa!

Giglio saltou para o jipe e se afastou na manhã nublada, mas sem chuva. Apenas a garoa caíra durante toda a noite.

— Domênico, apanhe todo o fio de que pudermos dispor. Vamos começar agora mesmo. Escolheremos um dos túneis e iremos por ele. Quanto mais luz tivermos, mais rápido será o trabalho — ordenou.

Algum tempo depois estavam na sala principal da caverna, observando os túneis que se aprofundavam na pedra. Junto deles, como uma presença maligna e sinistra, estava o ataúde negro, agora esquecido.

Todas as suas atenções se concentraram em localizar Helena. Domênico instalara uma lâmpada numa bateria portátil, tornando mais fácil o trabalho.

Percorria, agora todas as entradas de túneis. Parou diante de um deles, observando algo na parede. Esfregou uma das mãos no local. Depois apanhou um pincel de pêlos duros que trazia sempre no bolso e espanou.

— O que encontrou aí? — indagou Naiara, aproximando-se na companhia de Magda.

— Veja está inscrição, professora. É a primeira que encontramos por aqui com essa característica.

Um arrepio percorreu o corpo de Naiara ao observar. Um crânio havia sido entalhado rusticamente na pedra. Não chamaria tanto a atenção se não fosse por aquele longo e pontiagudo chifre que se projetava à altura da testa.

— O Licorne! — exclamou, num sussurro emocionado.

Domênico sabia a que ela estava se referindo e observou a entrada do túnel. Era maior que os outros existentes por ali e, no chão, a pedra parecia haver sido polida ao longo dos anos, como se aquele caminho tivesse sido percorrido vezes sem conta por pés humanos.

Abaixou a lâmpada para que Naiara também notasse isso. Entreolharam-se. A excitação da professora se fez maior que a preocupação de encontrar Helena.

— Temos de começar de alguma parte não? — argumentou ela, como se precisasse justificar seu egoísmo científico que se sobrepunha à preocupação humana.

— Claro — concordou o rapaz, enquanto Magda os olhava sem entender sobre o que falavam.

— Está bem, vamos em frente, então — ordenou Naiara.

Enquanto caminhavam pelo túnel, novas inscrições foram surgindo, todas apresentando aquela figura intrigante com um chifre saliente no alto da testa.

— Vejam! — apontou Naiara, diante de uma delas, que apresentava uma espécie de reunião, com diversas figuras humanas sentadas e de cabeças baixas diante da figura do Licorne que, de braços estendidos, parecia afirmar seu domínio sobre aquela gente.

— Lembra-me alguma coisa — disse Domênico.

— A tapeçaria no Museu de Cluny. As semelhanças são incríveis.

— De que estão falando, afinal? — indagou Magda, intrigada com toda aquela conversa misteriosa.

Naiara, então, em rápidas palavras, a pôs a par do que se tratava. Magda se contagiou, então, pela mesma excitação que dominava os outros e seguiram em frente, até um ponto onde o túnel se estreitava.

Um desabamento obstruía a passagem, tornando impossível prosseguir. Naiara estremeceu de frustração. Sabia que por de trás daquelas pedras talvez estivesse tudo aquilo que viera buscar naquela local.

— Pelo menos sabemos que Helena não veio por aqui. O desabamento é antigo — murmurou Domênico, igualmente frustrado.

— Não conseguiríamos desentulhar o caminho sozinhos. Vamos ter de esperar... Vejamos os outros túneis, enquanto isso.

CAPÍTULO 7

Entardecia e todos estavam reunidos ao redor do furgão. Em seus rostos estampava-se o mesmo cansaço e a mesma desolação.

Haviam palmilhado os túneis da caverna inutilmente. Muitos haviam sido os obstáculos e muitas as hipóteses levantadas.

Havia muitas fendas naquela seqüência de túneis, algumas tão profundas que jamais seriam exploradas. Helena poderia ter despencado por uma delas.

Para a professora, no entanto, todas aquelas teorias eram improváveis, mas, por mais que se esforçasse, não conseguia pensar no assunto com clareza.

Toda a sua atenção e preocupação se concentravam naquele túnel maior, obstruído por um desabamento. As inscrições reveladoras confirmavam a existência, um dia, daquele ser fantástico.

Descobrir mais sobre ele, seus restos, possivelmente, era tudo que importava agora.

— Devemos avisar a polícia? — indagou Domênico, estendendo-lhe uma xícara de café.

— Não, não podemos fazer isso. Todo nosso trabalho seria interrompido... Temos de continuar procurando e, ao mesmo tempo, não deixar que nosso verdadeiro objetivo fique para trás. Divida o pessoal. Uma turma continuara nas buscas. A outra cuidará em desentulhar aquele túnel.

— Sim, claro — concordou o rapaz.

Era igualmente ambicioso. Aquele projeto poderia se tornar a manchete mais importante nos meios científicos. Constar nela como um dos principais colaboradores de Naiara contaria pontos valiosos para seus trabalhos futuros.

Quando dividiu o pessoal, dando-lhes as tarefas, houve alguém que discordasse da decisão.

— Já vasculhamos tudo na caverna e ao redor. Onde mais vamos procurar? — indagou alguém.

— Sim, o único lugar em que não procuramos foi naquele ataúde lá na caverna. — ajuntou outro e a lembrança pareceu despertar todos, que olharam na direção da professora.

Naiara se pôs em pé num salto. Era impossível, mas se o ataúde despertara a curiosidade de Giglio e Domênico, por que não de Helena.

Não precisou dizer nada. Um grupo de rapazes correu para a caverna e trouxe para a luz do dia o misterioso caixão. Alguém surgiu com um pé de cabra.

— Já vamos descobrir — disse, introduzindo uma das pontas onde as madeiras se juntavam.

Forçou. Dois outros foram ajudá-lo. Todo esforço se mostrou inútil. Nada abalava o ataúde. Domênico, então, munuiu-se de um machado.

— Vai ser uma pena danificá-lo, mas é o único modo — disse, erguendo a pesada ferramenta.

Um grito de mulher, no entanto, ecoou pelas paredes da caverna, aterrorizando todos. Correram naquela direção. Um dos rapazes saía, amparando uma garota, cujo semblante refletia terror.

— Lá dentro... Nós o achamos — murmurou o jovem, igualmente chocado.

— Helena? Como ela está? — quis saber Naiara, febrilmente.

— Está morta, professora. A coisa mais horrível que já vi. Seu pescoço foi rasgado... Abriram-lhe o peito.

— Mostre-nos onde foi — pediu Naiara, estarrecida.

Anoitecera.

Oculto nas proximidades, Torg observava toda aquela gente ao redor de uma fogueira. Silenciosos, assustados, estranhos.

O ataúde estava num ponto afastado e o corcunda decidiu resgatá-lo, enquanto os outros estivessem alheios a ele. Avançou até o local, agarrou uma das alças e foi arrastando lenta e silenciosamente sobre a terra úmida.

Quando se julgou a salvo, ergueu a tampa. A mão de Drácula, fria e firme, estendeu-se, agarrando-o pelo pulso. O vampiro se ergueu e rosnou, enfurecido, fixando seus olhos chamejantes nos do corcunda.

— Sua besta inútil! — vociferou, enquanto sua mão se abatia pesadamente contra o rosto do outro, atirando-o ao chão.

— Perdão, mestre! — choramingou Torg, rastejando-se para junto de Drácula e suplicando clemência.

O vampiro ergueu o pé e depositou-o sobre o rosto de Torg, afundando-o na lama.

— Quase sou destruído... O que fez a respeito? Seu verme rastejante, inútil e bizarra criatura do mal, aleijão da natureza. — rosnou o vampiro, recuando, finalmente.

Torg se ergueu, cuspiendo lama, mas manteve a cabeça baixa. Sabia que seria inútil argumentar. Drácula tinha razão, afinal. Sua imprudência quase destruíra seu mestre.

— Quem é essa gente? — indagou o mostro.

— Cientistas, mestre. Estão à procura de alguma coisa na região...

— Estão investigando a caverna... Há qualquer coisa nela, eu senti a animosidade no ar...

— Também senti o mesmo, mestre. Há uma força maligna e inimiga lá dentro. Por que não vamos embora agora mesmo? Temos um longo caminho até Roma. Lá estaremos protegidos e o mestre recuperará todo o tempo perdido.

— Não! — grunhiu o vampiro — Tentaram me destruir. Tentaram abrir o ataúde à luz do dia. Sabe que não posso permitir isso. Quem os lidera?

— É uma mulher... Uma bela mulher, mestre — disse o corcunda, sabendo que a idéia agradaria o vampiro.

— Uma bela mulher... — repetiu Drácula, num tom ameaçador. — Onde está nosso veículo?

— Não muito longe daqui...

— Leve o ataúde para lá, depois siga em frente e me aguarde em algum ponto da estrada.

— Há um posto de gasolina, a alguns quilômetros daqui...

— Ótimo! — concordou o vampiro, afastando-se na noite.

Quando Naiara deixou o furgão, todos os rostos se voltaram para ela, que demonstrava, no semblante cansado, estar atônita diante do que ocorrera.

Examinara o corpo de Helena. Não fora fácil. Primeiro, aquelas feridas na garganta. Depois, o peito aberto com uma violência bestial e o coração arrancado impiedosamente.

Homem algum, em sã consciência, cometeria um crime tão horrível. Jamais em sua vida inteira tivera conhecimento de algo tão desumano.

Os alunos a cercaram, esperando respostas. Preocupava-a, no entanto, o prosseguimento de seu trabalho. Estava próximo de confirmar todas as suas teorias. O Licorne existia, não tinha mais dúvidas. O trabalho não podia parar.

O que estava prestes a fazer talvez fosse cruel, mas sabia o que aconteceria se a morte de Helena fosse revelada àquela altura.

Precisava manter segredo, afastando a polícia e os comentários dos habitantes da região, que na certa se armariam de suas superstições para impedir que a pesquisa tivesse prosseguimento.

Encarou cada um dos que a cercavam. Conhecia todos eles, sabia o quanto confiavam nela.

— Helena se perdeu no túnel. Na certa se desesperou, vendo-se na escuridão. Debateu-se, machucando-se seriamente. Foi uma pena, uma lástima. Aquelas pedras pontiagudas rasgaram seu corpo e ela sangrou até morrer. Parece que não sofreu apesar de tudo.

Um silêncio se abateu entre todos.

— O que vamos fazer, professora? — indagou alguém.

— Pelo que me consta, Helena não tinha família...

— Sim, eu e ela dividíamos um quarto na Universidade — disse uma das garotas.

— O que vou lhes dizer é cruel e desumano, sei disso, mas devem compreender tudo que teremos a perder se o fato for revelado agora — disse, calando-se por instantes, como se medisse as palavras que deveria dizer a seguir.

Domênico percebeu sua dificuldade e se antecipou.

— O que a professora quer dizer é que seremos impedidos de continuar nosso trabalho, se o acontecimento chegar aos ouvidos do povo daqui. Vocês sabem das dificuldades que enfrentamos no início...

— E o que será feito de Helena? Não podemos simplesmente ignorar o fato de que ela está morta — protestou alguém.

— Chamar a polícia e interromper nossa missão não vai mudar esse fato. Ela está morta, é irreversível, mas tenho absoluta certeza de que ela jamais desejaria que interrompêssemos tudo. Era uma garota curiosa, entusiasta e cheia de vida. Acho que devemos isso a ela. Temos de prosseguir, agora que estamos muito próximos do que viemos buscar aqui.

— E o que viemos buscar, afinal? Parece que não nos contou tudo, professora.

— Está bem, devo fazer isso agora. Vocês vão saber de tudo — concordou, expondo-lhes tudo a respeito de suas teorias e das descobertas mais recentes.

Quando terminou, todos estavam emudecidos, oscilando entre a incredulidade e a curiosidade. Tudo aquilo parecia muito fantástico. Inacreditável, mistura de fantasia com incredulidade.

Os povos antigos sempre haviam desenhado seus deuses com características além da imaginação. Interpretá-las ao pé da letra seria exagerar. Naiara, no entanto, falara com tanta convicção que aguçava a curiosidade de cada um a respeito do assunto.

Muito mistério cercava a antiguidade. Seres mitológicos sempre estiveram presentes em todas as culturas. Provar a existência de um deles poderia ser o golpe mais contundente no materialismo científico do mundo moderno.

— Se temos de fazer esse trabalho, sugiro começarmos agora mesmo. Poderemos escalonar as turmas para que trabalhem sem parar, desimpedindo o túnel. O que me dizem? — animou-os Domênico, interessado no prosseguimento da pesquisa.

A resposta foi unânime.

Lauro Marettino, o fazendeiro, possuía um par de bons cães de caça que, por serem muito ferozes, guardava num canil afastado do curral.

Naquela noite, porém, quando todos haviam se recolhido, ele se lembrou do que acontecera na noite anterior. Fosse um lobo ou qualquer outro tipo de fera, merecia ser mantido afastado das outras vacas.

Pensando nisso, deixou a casa e foi até o canil. A sua aproximação, os animais puseram-se a latir furiosamente. A balbúrdia atraiu a atenção de Agostino, que foi até lá verificar.

Levara, numa das mãos, sua espingarda de caça lobos.

— Vai soltá-los? — indagou ao patrão.

— Sim. Se o tal lobo aparecer outra vez, será bem recebido pelos cães. Tranque bem a porteira do curral. Não quero que eles entrem lá, iriam assustar os animais.

Agostino foi cumprir a ordem recebida, enquanto Lauro libertava seus cães, que festejaram ao seu redor. Recolheu-se, depois.

Em sua cabana, Agostino olhava a janela do quarto de Nunciata, percebendo a luz acesa. Conversara com ela naquela tarde e a convidara novamente para vir encontrar-se com ele.

Ela respondera vagamente, mas a malícia estampada em seu olhar não negava seu interesse em atender ao convite. Estava seguro de que bastaria esperá-la. Ela viria, como na noite anterior.

Foi se servir de vinho. A noite estava fria e a expectativa da presença da amada aquecia seu coração. Debruçou-se na janela e aguardou com impaciência.

No céu, empurradas pelo vento, as nuvens caminhavam com rapidez, deixando perceber, espaçadamente, o brilho das estrelas.

A claridade baça da lua cheia ameaçava varar o véu compacto, revelando com certa nitidez contornos das construções da fazenda.

Os cães farejavam o pátio. O vento soprou mais forte. Um deles ergueu a cabeça para o alto e ficou imóvel naquela posição. Depois, como que descobrindo algo, correu na direção do depósito.

O outro ficou para trás, depois o seguiu sem muita pressa. Quando os ouviu latir julgou que teriam acuado uma das ratazanas que habitavam a velha construção.

Toda a sua atenção estava voltada para a casa principal. A luz no aposento de Nunciata se apagara e isso fizera aumentar sua expectativa e sua excitação.

Viu, então, a porta se abrir e o vulto encapuzado da garota ensaiar alguns passos em sua direção. Os cães passaram em disparada, ganindo assustados, com os rabos entre as pernas e as orelhas caídas.

Por momento Agostinho ficou confuso com aquela fuga desesperada dos animais. Depois, quando Nunciata caminhou com mais firmeza na direção da cabana, concentrou nela toda a sua atenção.

Repentinamente, um vulto negro e ameaçador passou ao lado, rumando para a garota, que estacara. Agostino não entendeu o que se passava.

Viu aquele homem se aproximar da jovem e tomá-la nos braços. O ciúme explodiu em seu peito, já que a garota parecia corresponder e não reagia.

Estendeu a mão e apanhou sua espingarda. Saltou pela janela e correu.

— Quem pensa que é para... — foi dizendo, enquanto engatilhava a arma.

Estacou, quando um raio da lua cheia venceu, finalmente, as nuvens e iluminou aquele rosto crispado e furioso que o olhava.

— Deus! — exclamou, lembrando-se do que vira na noite passada.

Aquele vulto sinistro estivera no curral e atacara uma das vacas. Não tinha dúvidas quanto a isso. Bastava ver as longas pressas ensangüentadas que cobriam seu lábio inferior.

Nunciata recuou, levando a mão ao pescoço e gritando estridentemente. O monstro estendeu uma das mãos na direção do pescoço de Agostinho, que apertou os gatilhos.

A explosão ensurdecadora e à queima roupa poderia destroçar um ser vivo, mas nada causara aquilo que tinha diante de si.

Sentiu o gelo e a força daqueles dedos contornando seu pescoço e pressionando violentamente. Nunciata voltou a gritar, enquanto corria na direção de sua casa.

Drácula ergueu Agostino diante de si, depois o jogou para trás como se fosse apenas um graveto. Depois caminhou em perseguição a Nunciata.

Uma lâmpada se acendeu no alpendre da casa e a figura sonolenta e assustada de Lauro Marettino se emoldurou na porta.

A filha se jogou nos braços do pai, que não entendeu aquele sangue em seu pescoço nem aquele homem que se aproximava ameaçadoramente.

— A espingarda! — gritou ele para a mulher que se aproximava.

Antes que ela pudesse atendê-lo, Drácula já o agarrava pelo pescoço e o arremessava violentamente contra a lareira. Um baque surdo e um gemido dolorido anunciaram a queda daquele corpo.

Do lado de fora, Agostino se erguia, sentindo como se o pescoço estivesse separado do resto do corpo. Viu aquele homem entrando na casa. Apanhou sua espingarda, mas soltou-a ao se lembrar de que a descarregara momentos antes.

Correu para lá. Havia uma espécie de varal ao lado do alpendre, de onde partiam fios de arame que serviam de apoio e caminho para as trepadeiras da primavera.

O desespero lhe deu forças e arrancou com decisão a estrutura com o formato de uma cruz. Entrou na sala. Drácula rosnou e se voltou para ele. Agostino golpeou-o no ombro e o vampiro urrou, ferido pelo poder do bem.

Sua fúria foi bestial, animalesca, devastadora. Quando o rapaz soltou aquela arma poderosa e se apossou de uma faca que estava sobre a mesa, os olhos de Drácula chamejavam de sadismo e ódio incontrolláveis.

CAPÍTULO 8

O professor Hilgenstiller abriu febrilmente o pacote, tão logo fechou a porta atrás de si.

A encomenda estava em sua caixa postal no saguão do prédio. Ao ver quem era o remetente, assegurou-se de que o outro conseguirá pôr em pratica o que fora sugerido.

Desfez o embrulho. Numa caixa de papelão, estavam os projeteis, feitos conforme sua orientação.

— Balas de madeira com um recheio de chumbo — disse, sopesando uma delas.

Estava ali, seguramente, a solução. O chumbo no interior escavado de madeira assegurava o peso necessário a uma trajetória firme e segura.

Foi até um armário e apanhou sua velha pistola. Carregando-a. Os projeteis se encaixavam com perfeição nas câmaras do tambor. Apertou a arma contra o peito.

Quando se avistasse novamente com Drácula teria uma surpresa para o monstro. Precisava apenas estar atento, agora, a todos os acontecimentos do mundo.

Em alguma parte, talvez naquele mesmo momento, Drácula estaria fazendo mais uma de suas vítimas. Saber que contava com uma arma eficiente para exterminá-lo abrandava a impaciência que ardia em seu peito.

Tudo poderia ser apenas uma questão de tempo.

Encolhida a um canto, Nunciata presenciava aquela cena dantesca, incapaz de crer e de aceitar aquele massacre horrendo e sanguinário.

Junto à porta. Agostino estrebuchava em arrancos espasmódicos que retorciam seu corpo ao de uma ave destroncada. Lauro Maretino, com uma expressão de terror no rosto, jazia junto à lareira.

Imóvel, a garota viu o monstro se erguer do cadáver de sua mãe. Um grito escapou de seus lábios ao perceber aquela boca lambuzada de sangue e aquelas presas pontiagudas.

O olhar penetrante do vampiro fixou-se nela. Chamejantes aqueles olhos transmitiam a vontade do mal, submetendo-a, chamando-a. Nunciata, em seu horror, sabia que precisava resistir, mas isso era impossível.

Apesar do tremor que dominava seu corpo, lentamente foi se aproximando daqueles braços abertos que a convidavam para um pacto de morte.

Lágrimas brotaram de seus olhos, escorrendo límpidas por sua face angelical. Um riso animalesco desenhou-se obscenamente nos lábios grossos da besta-fera.

— Não! — murmurou Nunciata, tentando não olhar para a figura aterradora diante de si.

Uma gargalhada explodiu, então, fazendo-a encolher-se de pavor. Drácula estendeu suas mãos e a agarrou pelo pulso, puxando-a violentamente para si.

Seu hálito ardente varreu o pescoço da garota. Seu olhar faiscante fixou-se na veia que pulsava ao compasso das batidas assustadas daquele coração.

Nunciata desfaleceu nos braços do monstro, que a amparou e a depositou sobre a mesa. Ficou olhando para ela, admirando sua beleza jovem e tentadora.

Uma volúpia incontida dominou-o e, num movimento brusco, rasgou os tecidos, despindo os seios rijos e deliciosos da jovem.

Admirou-os num suspiro rouco, sentindo-se acalmar da fúria que se apossara dele. Estava saciado de sangue e não deixava testemunhas além da garota.

Uma idéia sinistra passou por sua mente. Olhou ao seu redor, depois caminhou pela casa, examinando-a. Havia uma adega antiga, sem janelas, ideal para seu repouso.

Teria em Nunciata uma escrava à altura de sua nobreza. Poderia descansar temporariamente naquele local, recuperando totalmente suas forças.

Voltou à sala de entrada. Percebera muitos crucifixos pela casa. Torg cuidaria de removê-los e tudo ficaria, então, adequando a sua permanência.

A fazenda era isolada, isso tornava tudo mais apropriado. Sobre a mesa, Nunciata gemeu debilmente, abrindo os olhos ainda cheios de pavor.

Drácula se inclinou sobre ela. Seu poder se impôs, sua vontade seria a vontade dela. Poderia mantê-la intacta até que chegasse o momento de gozá-la condignamente. Aquele corpo jovem merecia uma orgia de sangue, embora soubesse que não se tratava de uma virgem.

Riu, então, quando a garota se ergueu, desceu da mesa e ajoelhou a seus pés. Drácula estendeu a mão onde se sobressaia seu magnífico anel.

Nunciata beijou servilmente a mão de seu carrasco.

Havia muito pó dentro do túnel e uma agitação incomum, agora que haviam anunciado à professora que ele estava quase desobstruído.

Naiara aguardava impacientemente, o coração aos saltos, uma expectativa angustiante invadindo seu corpo e inquietando-a.

Tudo poderia se confirmar a partir de então. Suas teorias julgadas fantasiosas poderiam ser provadas. O mundo científico seria revolucionado com a prova da presença de seres julgados mitos, mas reais em algum tempo.

— Professora — chamou-a Domênico, um tanto apreensivo.

— Sim? — quis saber ela, num sorriso que retratava sua euforia diante da possível descoberta do Licorne.

— O que houve com aquele ataúde?

— Como assim?

— Não o acho em parte alguma.

— Deve estar lá fora, em alguma parte... Mas o que importa isso agora?

Comentários ecoaram pelo túnel empoeirado, atraindo a atenção da professora. Um dos alunos surgiu à boca para sorrir-lhe com satisfação.

— Está livre agora, professora — disse. — Estão providenciando uma extensão para iluminar o caminho.

Naiara avançou pelo túnel, cobrindo o rosto com a gola de seu casaco. Rostos cansados e empoeirados sorriam para ela.

— O privilégio é seu — disse Giglio, passando-lhe a lâmpada acoplada a um cabo elétrico.

Naiara estremeceu, olhando a seqüência do túnel a sua frente. As pedras do piso demonstravam o quanto a caverna fora percorrida. Nas paredes, seguiam-se inscrições e gravuras, sempre retratando aquela figura misteriosa, centro de toda a sua pesquisa.

Não havia como hesitar. Avançou lentamente, seguida pelos alunos. Nas paredes frias e úmidas ecoavam apenas os passos cautelosos e as respirações ansiosas de todo.

O túnel prosseguia, agora num aclave acentuado, como se rumasse para o topo da colina. Uma seqüência de vasos de cerâmica, com estranhos formatos, chamou a atenção de todos.

Estavam intactos e Naiara se debruçou para examinara um deles. Iluminou-o. O interior estava enegrecido, como se alguma substancia houvesse ressecado ali.

Ergueu-se e continuou. O mais importante deveria estar à frente. Repentinamente viu-se numa ampla sala, com inscrições enormes e todo tipo de armas rudimentares.

— maravilhoso! — exclamou alguém.

Naiara avançou até o centro daquele aposento natural, olhando ao seu redor com visível impaciência. Não havia esqueleto algum ou vestígio convincente da existência de um ser animalesco e dominador.

— Veja, professora! — apontou Domênico.

Ela olhou na direção, depois caminhou para lá cheia de curiosidade. Um estranho painel havia sido montado naquele ponto.

Era uma espécie de placa de cerâmica, onde fora esculpido em todos os seus horrendos detalhes a figura do Licorne.

A decepção apressou as condições em sua mente. O Licorne poderia não passar mesmo de uma imagem criada pelos próprios habitantes primitivos daquela região.

Seria uma espécie de deus, saído da imaginação de alguém, transformado num ídolo por algum artista habilidoso. Toda sua teoria desmoronava, portanto, diante daquilo.

— É arrepiante! — murmurou uma das garotas.

— Assustador realmente, mas fascinante. Vejam a perfeição dos detalhes e a expressão daquele rosto. Parece ter vida... — comentou Domênico.

— Um valioso achado, professora — disse Giglio.

— Vai torná-la famosa, professora — acrescentou Magda.

— Mas nada prova... Não podem compreender isso? Nada prova! É apenas uma imagem — desabafou Naiara.

— Mas professora... — ia dizer Domênico.

— O que temos aqui? Mais um ídolo pagão, apenas isso. Um altar de cerimônias, um deus criado pela imaginação, mas nada real. Eu não

buscava isso, vocês sabem que não. Eu preciso mais... — quase gritando ela, recuando e deixando a sala.

Caminhou apressada pelo corredor escuro, seguida pelos seus alunos que não compreendiam sua reação. Era uma grande descoberta arqueológica, que possibilitaria grandes conclusões a respeito do povo que habitava a caverna.

O entendimento daquelas inscrições todas nas paredes, a análise dos materiais e utensílios encontrados, o exame das gravuras humanas, tudo isso levaria a importantes estudos e deduções sobre a vida primitiva.

Para ela, no entanto, nada daquilo teria o sentido sensacionalista e revolucionário de uma descoberta realmente explosiva.

Drácula avisara Torg a respeito da fazenda, incumbindo-o de fazer as arrumações necessárias a sua permanência. Rumara, depois, para o sítio arqueológico.

Faria daquela a sua noite de vingança. Era preciso exterminar aqueles que ousaram ameaçá-lo.

Ao se aproximar do local, no entanto, julgou que deveria concentrar toda sua fúria naquela mulher mencionada por Torg, que comandava aqueles intrometidos.

A noite estava magnífica. O vento empurrava as nuvens negras, descobrindo uma lua cheia enorme. Seus raios prateados incidiam sobre as asas do morcego negro como agulhadas de prazer que punham vigor em seu corpo.

Em noites assim, Drácula se sentiu totalmente à mercê de sua maldição e gozava os efeitos voluptuosos da lua. Uma bela mulher era tudo que poderia desejar para extravasar sua fúria homicida instintiva.

O acampamento estava em silêncio, embora um grupo de alunos se reunisse ao redor de uma fogueira, num canto protegido do vento.

No furgão, havia luz e um vulto de mulher obscurecia as janelas constantemente, como se alguém andasse de um lado para outro.

Drácula olhou, então, na direção da caverna. Um arrepio instintivo fez arrepiar seu corpo, como se pressentisse a proximidade de um inimigo igualmente poderoso.

Aquela sensação tinha um sabor acre de desafio e disputa por um domínio. A presença de algum outro ser infernal soava como uma ameaça ao poder do vampiro.

Voltou os olhos para o furgão. O caminho estava livre. Ele avançou. Lá dentro, Naiara tentava aceitar a verdade dos fatos, lutando contra a própria frustração.

Julgava haver se deixado levar por teorias fantásticas. Deixara de lado importantes estudos antropológicos e sociológicos.

No fundo, porém, talvez soubesse de tudo isso e quisesse apenas chegar a algo diferente. A ciência surgia sempre com explicações plausíveis, mesmo para os fenômenos mais intrigantes.

Naiara quisera, com tudo aquilo, provar que havia algo além da imaginação. Que lendas e mitos tinham um fundo de verdade. Que monstros como o Licorne não haviam sido apenas fruto de imaginações férteis.

Estacou, repentinamente, olhando para uma das janelas, onde um par de olhos chamejantes se fixou nela. Levou a mão aos lábios, ensaiando um grito, mas foi contida por uma força além da sua.

Tentou reagir e fugir àquele domínio que se impunha avassaladoramente, mas aquele olhar de fogo simplesmente devorava sua vontade.

Do lado de fora, Drácula sorriu sadicamente e se esgueirou para a caverna. Ali, nas sombras, aguardou impaciente a aproximação daquela bela mulher.

Aquela sensação anterior voltou, agora mais forte, eriçando seu corpo, aguçando suas garras, fazendo arreganhar suas presas amaldiçoadas.

Ele olhou ao seu redor, tentando captar de onde vinha aquela maléfica influência que o perturbava. Naiara se aproximou. A luz da lua, um crucifixo brilhava em seu pescoço.

Drácula recuou, num grunhido dolorido, olhando-a nos olhos e ordenando-lhe que se livrasse daquele amuleto mortal para ele.

Qualquer coisa se agitou dentro dela, como se a fraqueza momentânea do vampiro a fizesse despertar daquele transe suicida.

Ela viu nitidamente aquela figura grotesca diante de si. Tentou recuar, mas Drácula contornou-a e barrou-lhe o caminho. Naiara correu para o interior da caverna. A lâmpada fora esquecida acesa no túnel maior. Ela correu naquela direção.

Livre da influência do crucifixo, Drácula foi em sua perseguição. Naiara gritou, então, enquanto se aprofundava na caverna. Sua voz ecoou estridente e assustada, alertando os alunos lá fora.

A fúria de Drácula explodiu em toda sua bestialidade e brutalidade. Ele correu no encalço dela, alcançando-a na entrada da ampla sala que ela descobrira naquela tarde.

Uma sensação forte como um impacto estremeceu o corpo do vampiro. Ele olhou e aquela figura entalhada na parede, reconhecendo-a. O Licorne de cerâmica parecia zombar dele, como que o desafiando.

Ele agarrou com firmeza o pescoço da professora, depois, num empurrão repentino, arremessou-a contra aquela gravura. O choque fez desfalecer a professora e ruir o mural de cerâmica, que se desfez em cacos, revelando uma passagem secreta.

Um vento frio pareceu soprar. Drácula ofegou, ouvindo ruídos de passos que avançavam pelo corredor e vozes chamando pela professora.

Metamorfoseou-se em morcego e voou para fora do túnel, assustando aqueles que entravam, provocando pânico entre as garotas que aguardavam na entrada da caverna. Voou iluminado pela lua, satisfeito com a vingança. A pancada fora violenta. Aquela bela mulher na certa estrebuchava naquele momento, com sua linda cabeça feita em pedaços.

Drácula não estava enganado de todo. Espasmos agonizantes sacolejavam o corpo de Naiara, enquanto seus olhos aterrorizados fitavam aquela caveira hedionda, de cuja testa descarnada se projetava um chifre longo e aguçado.

FIM DO LIVRO SETE

L P Baçan - O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçônico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasadomagodasletras.net